

História da sua vida

Seu pai está prestes a me fazer a pergunta. Este é o momento mais importante de nossas vidas, e quero prestar atenção, registrar cada detalhe. Seu pai e eu acabamos de voltar de um passeio, com jantar e show; já passa da meia-noite. Saímos para o quintal para ver a lua cheia; aí eu disse ao seu pai que queria dançar, então ele resolveu me agradar e agora estamos dançando lentamente, um casal de trinta e poucos anos balançando de um lado para outro sob o luar como crianças. Não sinto o frio da noite, nem um pouco. Então seu pai diz:

— Você quer fazer um bebê?

Eu e seu pai estamos casados há cerca de dois anos, morando na Ellis Avenue; quando nos mudarmos, você ainda vai ser nova demais para se lembrar da casa, mas vamos lhe mostrar fotos dela, contar histórias sobre ela. Eu adoraria lhe contar a história desta noite, a noite em que você foi concebida, mas a hora certa de fazer isso seria quando você estivesse pronta para ter os próprios filhos, e nunca vamos ter essa chance.

Contar isso para você antes não teria feito nenhum bem; durante a maior parte de sua vida, você não vai ter paciência para ouvir uma história tão romântica — brega, você diria. Eu me lembro que você, aos doze anos, vai insinuar certa hipótese sobre sua origem.

— Você só me teve para conseguir uma empregada que não precisasse pagar — você vai dizer amargamente, tirando o aspirador de pó do armário.

— Isso mesmo — afirmarei. — Há treze anos eu sabia que, por essa época, os carpetes iam precisar ser aspirados, e ter um bebê pareceu ser o modo mais barato e fácil de realizar essa tarefa. Agora, por favor, ande logo com isso.

— Se você não fosse minha mãe, isso seria ilegal — você dirá, fervilhando de raiva enquanto desenrola o fio e o pluga na tomada.

Isso vai ser na casa da Belmont Street. Vou viver para ver estranhos ocuparem as duas casas: a casa em que você foi concebida e aquela em que você cresceu. Seu pai e eu vamos vender a primeira alguns anos depois da sua chegada. Vou vender a segunda logo depois da sua partida. A essa altura, Nelson e eu teremos mudado para nossa fazenda, e seu pai estará vivendo com aquela mulherzinha.

Sei como esta história termina; penso muito nisso. Também penso muito sobre como ela começou, há apenas alguns anos, quando as naves surgiram em órbita e os artefatos apareceram nos campos. O governo não disse quase nada sobre eles, enquanto os tabloides disseram quase todas as coisas possíveis.

Então, recebi um telefonema, solicitando uma reunião.

* * *

Eu os avistei enquanto esperavam no corredor em frente ao meu escritório. Eles formavam uma dupla estranha; um deles, com cabelo cortado à escovinha,

vestia uniforme militar e carregava uma maleta de alumínio. Parecia estar avaliando o ambiente com olhar crítico. O outro era facilmente identificável como acadêmico: barba farta e bigode, usando veludo cotelê. Estava folheando as páginas sobrepostas grampeadas a um quadro de avisos próximo.

— Coronel Weber, suponho. — Apertei a mão do oficial. — Louise Banks.

— Dra. Banks. Obrigada por reservar seu tempo para falar conosco — disse ele.

— Não precisa agradecer; vale qualquer desculpa para evitar a reunião do corpo docente.

O coronel Weber indicou seu companheiro.

— Este é o Dr. Gary Donnelly, o físico que mencionei quando conversamos ao telefone.

— Apenas Gary, por favor — disse ele enquanto nos cumprimentávamos com um aperto de mão. — Estou ansioso para ouvir o que você tem a dizer.

Entramos em meu escritório. Retirei algumas pilhas de livros de cima da segunda cadeira de visitantes, e todos nos sentamos.

— O senhor mencionou uma gravação que gostaria que eu escutasse. Imagino que tenha algo a ver com os alienígenas.

— Tudo o que posso oferecer é a gravação — respondeu o coronel Weber.

— Está bem, vamos ouvi-la.

O coronel Weber tirou um toca-fitas da maleta e apertou o PLAY. A gravação soava vagamente como um cachorro molhado sacudindo a água do pelo.

— O que acha disso? — perguntou ele.

Guardei para mim a comparação com um cachorro molhado.

— Em que contexto essa gravação foi feita?

— Não tenho permissão para dizer isso.

— Essa informação me ajudaria a interpretar esses sons. O senhor podia ver o alienígena enquanto ele estava falando? Ele estava fazendo alguma coisa na hora?

— A gravação é tudo o que posso oferecer.

— O senhor não estará revelando nada se me disser que viram os alienígenas; o público supõe isso.

O coronel Weber não cedia.

— A senhora tem alguma opinião sobre as propriedades linguísticas deles? — perguntou.

— Bom, é claro que o trato vocal dos alienígenas é substancialmente diferente de um trato vocal humano. Suponho que eles não pareçam humanos. Ou parecem?

O coronel estava prestes a dizer algo evasivo quando Gary Donnelly perguntou:

— Você conseguiria afirmar alguma coisa com base na gravação?

— Na verdade, não. Não acho que eles estejam usando a laringe para fazer esses sons, mas isso não me dá indicação alguma sobre a aparência deles.

— Qualquer coisa... Há algo mais que possa nos dizer? — perguntou o coronel Weber.

Eu podia ver que ele não estava acostumado a consultar uma civil.

— Apenas que estabelecer comunicação vai ser muito difícil devido à diferença anatômica. Eles estão quase certamente usando sons que o trato vocal humano não consegue reproduzir, e talvez sons que o ouvido humano nem consiga distinguir.

— Você está se referindo a frequências infrassônicas e ultrassônicas? — perguntou Gary Donnelly.

— Não especificamente. Quero dizer apenas que o sistema auditivo humano não é um instrumento acústico completo; ele é otimizado para reconhecer os sons produzidos por uma laringe humana. Com um sistema vocal alienígena, tudo pode acontecer. — Dei de ombros. — *Talvez*, com prática suficiente, consigamos perceber a diferença entre fonemas alienígenas, mas é possível que nossos ouvidos simplesmente não consigam reconhecer distinções que eles considerem fundamentais. Nesse caso, precisaríamos de um espectrógrafo de som para saber o que um alienígena está dizendo.

— Suponha que eu lhe desse uma hora de gravações. Quanto tempo a senhora levaria para determinar se precisamos ou não desse espectrógrafo de som? — perguntou o coronel Weber.

— Não conseguiria determinar isso apenas com uma gravação, por mais tempo que eu tivesse. Precitaria conversar diretamente com os alienígenas.

O coronel balançou a cabeça.

— É impossível.

Tentei lhe dar a má notícia com delicadeza.

— A decisão é sua, claro. Mas a única maneira de aprender uma língua desconhecida é interagir com um nativo do idioma, ou seja, fazer perguntas, estabelecer uma conversa, esse tipo de coisa. Sem isso, simplesmente não dá. Assim, se vocês querem aprender a língua dos alienígenas, uma pessoa com treinamento em linguística de campo, seja eu ou outro indivíduo, vai precisar conversar com um alienígena. Gravações isoladas não são o suficiente.

O coronel Weber franziu o cenho.

— A doutora está sugerindo que nenhum alienígena conseguiria aprender línguas humanas pelo monitoramento de nossas transmissões?

— Duvido. Eles iriam precisar de material educativo especificamente criado para ensinar línguas humanas para não humanos. Ou isso, ou interação com um ser humano. Com uma dessas duas coisas, eles poderiam aprender muito com a TV, mas, do contrário, não teriam um ponto por onde começar.

O coronel claramente achou minha explicação interessante; evidentemente a

filosofia era: quanto menos os alienígenas soubessem, melhor. Gary Donnelly também leu a expressão do coronel e revirou os olhos. Contive um sorriso.

— Suponha que você estivesse aprendendo uma nova língua conversando com os falantes nativos; a senhora poderia fazer isso sem lhes ensinar inglês? — quis saber o coronel.

— Isso dependeria de quanto os nativos no idioma cooperassem. Eles quase certamente iam captar alguma coisa enquanto eu estivesse aprendendo a língua deles, mas não precisaria ser muito se eles estivessem dispostos a ensinar. Por outro lado, se preferissem aprender inglês a nos ensinar a língua deles, isso deixaria as coisas muito mais difíceis.

O coronel assentiu.

— Volto a falar com a doutora sobre este assunto.

* * *

Aquela solicitação de reunião talvez seja o segundo telefonema mais importante da minha vida. O primeiro, é claro, será o da equipe de Resgate de Montanha. A essa altura, seu pai e eu falaremos um com o outro, no máximo, uma vez por ano. Porém, após receber esse telefonema, a primeira coisa que farei será ligar para ele.

Nós vamos juntos fazer a identificação, uma viagem longa e silenciosa de carro. Eu me lembro do necrotério, todo de azulejos e aço inoxidável, o zumbido da refrigeração e o cheiro de antisséptico. Um auxiliar de enfermagem puxará o lençol para revelar seu rosto. Seu rosto, de algum modo, vai ter a aparência errada, mas saberei que é você.

— Sim, é ela — direi. — Minha filha.

Você vai ter vinte e cinco anos.

* * *

O policial do Exército conferiu meu crachá, fez uma anotação em uma prancheta e abriu o portão; dirigi o veículo off-road até o acampamento, uma pequena aldeia de barracas estabelecida pelo Exército no pasto de uma fazenda castigado pelo sol. No centro do acampamento havia um dos aparelhos alienígenas, chamado de “espelho”.

Segundo as reuniões diretivas das quais participei, havia nove aparelhos como aquele nos Estados Unidos, cento e doze no mundo. Os espelhos agiam como aparelhos de intercomunicação, supostamente com as naves em órbita. Ninguém sabia por que os alienígenas não falavam conosco pessoalmente; medo de piolhos, talvez. Uma equipe de cientistas, incluindo um físico e um linguista, foi designada para cada espelho. Gary Donnelly e eu fazíamos parte de um desses grupos.

Gary estava à minha espera no estacionamento. Andamos por um labirinto circular de barricadas de concreto até chegar à grande barraca que encobria o próprio espelho. Diante dela, encontrava-se um carrinho carregado com material que havia sido pego emprestado do laboratório de fonologia da universidade; eu o despachara de antemão para ser inspecionado pelo Exército.

Além disso, fora da barraca havia três câmeras de vídeo montadas em tripés cujas lentes espreitavam, através das janelas na parede de tecido, o interior do salão principal. Qualquer coisa que Gary e eu fizéssemos seria revisada por inúmeras pessoas, incluindo a inteligência militar. Ademais, cada um de nós iria enviar relatórios diários, e os meus tinham que incluir estimativas do quanto da nossa língua eu achava que os alienígenas podiam entender.

Gary seguiu a aba que fechava a barraca e, mantendo-a aberta, gesticulou para que eu passasse.

— Entre — disse ele, em estilo de apresentador de circo. — Maravilhe-se com criaturas como nunca foram vistas neste mundo de Deus.

— E tudo por apenas dez centavos — murmurei, passando pela porta.

O espelho estava inativo naquele momento. Era semicircular, com mais de três metros de altura e seis de largura. Na grama marrom à frente dele, um arco de tinta branca em spray delineava a área de ativação. No momento, a área continha apenas uma mesa, duas cadeiras dobráveis e uma extensão de múltiplas tomadas com um fio que levava a um gerador na parte exterior. O zumbido de lâmpadas fluorescentes, penduradas em traves ao longo da borda do salão, misturava-se com o zumbido de moscas no calor abafado.

Gary e eu nos olhamos, e então começamos a empurrar o carrinho com o equipamento até a mesa. Quando atravessamos a linha de tinta, o espelho pareceu ficar transparente; era como se alguém estivesse lentamente erguendo a iluminação por trás de um vidro escurecido. A ilusão de profundidade era inacreditável; eu senti que podia andar através do espelho. Quando estava totalmente aceso, o espelho lembrava o diorama de uma sala semicircular em tamanho natural. A sala continha alguns objetos grandes que podiam ser móveis, mas nenhum alienígena. Havia uma porta na parede curva dos fundos.

Nós nos ocupamos conectando tudo: microfone, espectrógrafo de som, computador portátil e alto-falante. Enquanto trabalhávamos, eu frequentemente olhava para o espelho, antevendo a chegada dos alienígenas. Mesmo assim, dei um pulo quando um deles entrou.

Parecia um barril suspenso no ponto em que seus sete membros se encontravam. Era radialmente simétrico, e qualquer um dos membros podia servir como braço ou perna. O que estava à minha frente caminhava em quatro pernas, com três braços não adjacentes curvados junto à lateral do corpo. Gary os chamou de “heptápodes”.

Eu tinha visto fitas de vídeo e, ainda assim, fiquei pasma. Os membros deles

não tinham juntas distinguíveis; anatomistas achavam que podiam ser sustentados por colunas vertebrais. Qualquer que fosse sua estrutura de sustentação, os membros dos heptápodes conspiravam para se mover de uma maneira desconcertantemente fluida. O “torso” seguia acima dos membros ondulantes tão suavemente como um aerobarco.

Sete olhos sem pálpebras circundavam o topo do corpo do heptápode. Ele caminhou de volta até a porta por onde entrou, fez um breve som escarrado e voltou ao centro da sala seguido por outro heptápode; em nenhum momento se virou. Era estranho, mas lógico; com olhos em todos os lados, qualquer direção seria a da frente.

Gary estivera observando minha reação.

— Pronta? — perguntou.

Respirei fundo.

— Pronta o suficiente.

Eu tinha feito muito trabalho de campo antes, na Amazônia, mas sempre havia sido um procedimento bilíngue: ou meus informantes sabiam um pouco de português, que eu podia usar, ou eu tinha obtido uma breve introdução à sua língua com os missionários locais. Essa seria minha primeira tentativa de conduzir um procedimento de descoberta verdadeiramente monolíngue. Porém, em teoria, era simples.

Eu me aproximei do espelho e um heptápode do outro lado fez o mesmo. A imagem era tão nítida que me arrepiei. Eu podia ver a textura de sua pele cinza, como rugas de veludo cotelê dispostas em espirais e laços. Nenhum cheiro nos alcançava através do espelho, o que, de algum modo, aumentava a estranheza da situação.

Apontei para mim mesma e disse devagar:

— Humana. — Então apontei para Gary: — Humano. — Então apontei para cada heptápode e disse: — O que vocês são?

Nenhuma reação. Tentei outra vez, e mais uma.

Um dos heptápodes apontou para si mesmo com um de seus membros, os quatro dígitos terminais apertados juntos. Foi sorte. Em algumas culturas, as pessoas apontam com o queixo; se o heptápode não tivesse usado um de seus membros, eu não saberia qual gesto procurar. Ouvi um estrépito breve, e vi um orifício enrugado no alto de seu corpo vibrar: ele estava falando. Então, ele apontou para o companheiro e emitiu o estrépito outra vez.

Voltei ao meu computador; na tela havia duas leituras de espectrógrafo praticamente idênticas representando os estrépitos. Marquei uma amostra para reprodução do som. Apontei para mim mesma e repeti:

— Humana. — E fiz o mesmo com Gary.

Então apontei para o heptápode e coloquei o tremor para tocar no alto-falante.

O heptápode emitiu mais estrépitos. A segunda metade de sua elocução

parecia uma repetição na leitura do espectrógrafo: chamei as expressões anteriores de [estrépito1], então essa era [estrépito2estrépito1].

Apontei para algo que podia ser uma cadeira de heptápode.

— O que é isso?

O heptápode parou, em seguida apontou para a “cadeira” e falou mais um pouco. O espectrógrafo disso era nitidamente diferente da representação dos sons anteriores: [estrépito3]. Mais uma vez, apontei para a “cadeira” enquanto reproduzia o [estrépito3].

O heptápode respondeu; a julgar pelo espectrógrafo, parecia [estrépito3estrépito2]. Interpretação otimista: o alienígena estava confirmando minhas expressões como corretas, o que implicava em compatibilidade entre os padrões de discurso humano e heptápode. Interpretação pessimista: ele estava com uma tosse persistente.

No computador, delimitei certas seções do espectrógrafo e digitei um glossário provisório para cada: “heptápode” para [estrépito1], “sim” para [estrépito2] e “cadeira” para [estrépito3]. Então digitei: “Língua: heptápode A” como cabeçalho para todas as elocuições.

Gary observou o que eu estava digitando.

— Por que o “A”?

— Isso vai distinguir esta língua de quaisquer outras que os heptápodas possam usar — respondi.

Ele assentiu.

— Agora vamos tentar uma coisa só por diversão.

Apontei para cada heptápode e tentei imitar o som de [estrépito1], “heptápode”. Depois de uma longa pausa, o primeiro heptápode disse alguma coisa; o segundo, então, disse outra. Nenhum dos espectrógrafos se parecia com nada dito antes. Eu não sabia se eles estavam falando um com o outro ou comigo, já que os alienígenas não tinham rostos para direcionar. Tentei pronunciar [estrépito1] outra vez, mas não houve reação.

— Nem de perto — resmunguei.

— Estou impressionado por você conseguir fazer sons como esse — disse Gary.

— Você devia ouvir minha voz de alce. Coloca os bichos para correr.

Tentei mais algumas vezes, mas nenhum dos heptápodas respondeu de forma identificável. Obtive uma confirmação apenas quando coloquei para tocar outra vez a gravação da pronúncia de heptápode; o alienígena confirmou com [estrépito2], “sim”.

— Então estamos restritos a usar gravações? — perguntou Gary.

Eu assenti.

— Pelo menos por algum tempo.

— E agora, o quê?

— Agora nos asseguramos de que ele, na verdade, não estava dizendo “Eles não são fofos?” ou “Veja o que eles estão fazendo agora”. Aí vemos se conseguimos identificar alguma dessas palavras quando aquele outro heptápode pronunciá-las. — Gesticulei para que Gary se sentasse. — Acomode-se. Isso vai demorar um pouco.

* * *

Em 1770, o navio do capitão Cook, o *Endeavour*, encalhou na costa de Queensland, Austrália. Enquanto alguns de seus homens faziam reparos, Cook liderou um grupo de exploração e encontrou o povo aborígene. Um dos marinheiros apontou para animais que pulavam ao redor com os filhotes em bolsas e perguntou ao aborígene como eles se chamavam. O aborígene respondeu: “Canguru.” A partir de então, Cook e seus marinheiros passaram a se referir aos animais por essa palavra. Só mais tarde eles aprenderam que canguru significava “O que você disse?”.

Conto essa história em meu curso introdutório todo ano. Com certeza deve ser mentira, explico logo depois, mas é uma anedota clássica. Claro, as anedotas que meus alunos de graduação realmente vão querer ouvir são as que incluem heptápodes; pelo resto de minha carreira de professora, essa vai ser a razão de muitos deles se inscreverem em meus cursos. Então vou lhes mostrar as antigas gravações das sessões diante do espelho, e as sessões conduzidas por outros linguistas; as fitas são instrutivas e serão úteis caso sejamos visitados por alienígenas de novo, mas elas não dão margem a muitas anedotas.

Quando se fala de anedotas sobre o aprendizado de línguas, minha favorita é a da aquisição de linguagem pelas crianças. Lembro-me de uma tarde, quando você tiver cinco anos de idade, após voltar para casa depois do jardim de infância. Você vai estar colorindo com seus lápis de cera enquanto eu corrijo trabalhos.

— Mamãe — você dirá, usando o tom cuidadosamente despreocupado reservado para quando quer fazer um pedido. — Posso pedir uma coisa?

— Claro, querida. Pode falar.

— Eu posso, hum, receber uma honra?

Ergo os olhos do trabalho que estou corrigindo.

— O que quer dizer com isso?

— Na escola, Sharon disse que ela ganhou uma honra.

— É mesmo? O que mais ela contou para você?

— Foi quando a irmã mais velha dela casou. Ela disse que só uma pessoa podia, hum, ser dona de honra, e foi ela.

— Ah, entendo. Você quer dizer que Sharon foi dama de honra?

— É, isso mesmo. Eu posso ser dona de honra?

Gary e eu entramos no prédio pré-fabricado que abrigava o centro de operações local do espelho. No interior da instalação, parecia que estavam planejando uma invasão, ou talvez uma evacuação: alguns soldados com corte à escovinha trabalhavam em torno de um mapa grande da área, outros estavam sentados diante de um enorme equipamento eletrônico enquanto falavam em headsets. Fomos conduzidos até o escritório do coronel Weber, uma sala nos fundos, climatizada com ar-condicionado.

Informamos o coronel sobre nossos resultados do primeiro dia.

— Não parece que a doutora chegou muito longe.

— Tenho uma ideia de como podemos fazer progresso mais rápido — respondi. — Mas o senhor vai precisar aprovar o uso de mais equipamento.

— De que mais precisa?

— Uma câmera digital e um telão. — Mostrei a ele um desenho da configuração que eu tinha imaginado. — Quero tentar conduzir o processo de descoberta usando a escrita; vou exibir palavras na tela e usar a câmera para registrar o que eles escreverem. Espero que os heptápodes façam o mesmo.

Weber olhou desconfiado para o desenho.

— Qual seria a vantagem disso?

— Até agora, tenho procedido como faria com os falantes de uma língua sem escrita. Então, me ocorreu que os heptápodes também devem ter escrita.

— E daí?

— Se eles têm uma forma mecânica de produzir escrita, então ela deve ser muito regular, muito consistente. Isso tornaria mais fácil para nós identificarmos grafemas em vez de fonemas. É como pegar as letras de uma frase impressa em vez de tentar ouvi-las quando a frase é dita em voz alta.

— Entendi— admitiu ele. — E como você responderia? Mostrando a eles as palavras que eles exibissem para você?

— Basicamente. E se eles usarem espaços entre palavras, qualquer frase que a gente escreva deve ser muito mais inteligível que qualquer frase falada que possamos montar a partir de gravações.

Ele se recostou na cadeira.

— Você sabe que queremos mostrar a eles o mínimo possível de nossa tecnologia.

— Sei. Mas já estamos usando máquinas como intermediárias. Se conseguirmos fazer com que eles usem escrita, acredito que o progresso será muito mais rápido do que se ficarmos restritos aos espectrógrafos de som.

O coronel se virou para Gary.

— Qual é a sua opinião?

— Para mim, parece uma boa ideia. Estou curioso para saber se os heptápodes

têm dificuldades em ler nossos monitores. Seus espelhos são baseados em uma tecnologia completamente diferente de nossas telas de vídeo. Pelo que sabemos, eles não usam pixels nem linhas de varredura e não há atualização quadro a quadro.

— O senhor acha que as linhas de varredura em nossas telas de vídeo podem torná-las ilegíveis para os heptápodes?

— É possível. Precisamos tentar para descobrir — disse Gary.

Weber pensou no assunto. Para mim não era sequer uma pergunta, mas, do ponto de vista dele, era uma decisão difícil; como militar, porém, ele a tomou rapidamente.

— Pedido autorizado. Fale com o sargento lá fora sobre o que será necessário trazer para cá. Esteja com tudo pronto amanhã.

* * *

Eu me lembro de um dia durante o verão de seus dezesseis anos. Pelo menos dessa vez, a pessoa à espera de um par para o encontro sou eu. Claro que você também estará esperando por perto, curiosa para ver como ele é. Você vai estar com uma amiga, uma garota loura com o improvável nome Roxie, as duas juntas, rindo.

— Talvez surja em vocês um ímpeto de fazer comentários sobre ele — direi, olhando-me no espelho do corredor. — Controlem-se até ele e eu sairmos daqui.

— Não se preocupe, mãe — você responderá. — Vamos fazer de um jeito que ele não perceba. Roxie, você me pergunta como eu acho que vai estar o tempo esta noite. Aí eu digo o que acho do cara que vai sair com a mamãe.

— Está bem — dirá Roxie.

— Não, você não vai fazer isso de jeito nenhum — falarei.

— Relaxa, mãe. Ele nunca vai saber; a gente faz isso o tempo todo.

— Isso é um grande consolo.

Um pouco mais tarde, Nelson chegará para me buscar. Vou fazer as apresentações, e vamos começar uma conversa rápida na varanda. Ele tem uma beleza rústica, e sua aprovação é evidente. Quando estivermos prestes a ir embora, Roxie vai dizer despreocupadamente para você:

— Então, como acha que o tempo vai ficar esta noite?

— Acho que vai ser uma noite muito linda — responderá você.

Roxie vai assentir, concordando. Nelson vai dizer:

— É mesmo? Achei que tinham dito que ia fazer frio.

— Tenho um sexto sentido para essas coisas — você dirá. Seu rosto não vai entregar nada. — Tenho a sensação de que o clima vai ser tórrido. Ainda bem que está vestida para isso, mãe.

Eu vou olhar para você e dizer boa-noite.

Enquanto conduzo Nelson na direção de seu carro, ele vai me perguntar, se

divertindo:

— Acho que estou perdendo alguma coisa aqui, não é?

— Uma piada interna — vou murmurar. — Não me peça para explicar.

* * *

Na nossa sessão seguinte diante do espelho, repetimos o procedimento que tínhamos realizado antes, dessa vez exibindo uma palavra escrita em nossa tela de computador ao mesmo tempo em que falávamos: mostrando HUMANO enquanto dizíamos “humano”, e assim por diante. No fim, os heptápodes entenderam o que queríamos, e instalaram uma tela plana circular encaixada em um pequeno pedestal. Um heptápode falou e, em seguida, inseriu um dos membros em um bocal grande no pedestal; um grafismo esboçado, vagamente cursivo, surgiu na tela.

Logo estabelecemos uma rotina, e eu compilei *corpora* paralelos: um de expressões faladas, outro de amostras escritas. Com base nas primeiras impressões, a escrita dos heptápodes parecia ser ideográfica, o que foi uma decepção; eu tinha esperança de uma escrita alfabética para nos ajudar a aprender a fala deles. Seus logogramas talvez contivessem alguma informação fonética, mas descobri-la sem uma escrita alfabética seria muito mais difícil.

Ao me aproximar do espelho, consegui apontar para as várias partes do corpo do heptápode, como membros, dedos e olhos, e obter termos para cada uma delas. Descobri que eles tinham um orifício na parte inferior do corpo, alinhado com bordas ósseas articuladas, provavelmente usado para comer; outro, no topo, era para respiração e fala. Não havia mais orifícios aparentes; talvez a boca também fosse o ânus. Esse tipo de pergunta teria que esperar.

Também tentei perguntar aos nossos dois informantes a respeito de termos para se dirigir a eles individualmente: nomes pessoais, se tivessem algo do tipo. As respostas, claro, foram impronunciáveis, então para nossos objetivos, meus e de Gary, eu os chamei de Melindrosa e Framboesa. Eu esperava conseguir diferenciá-los.

* * *

No dia seguinte, reuni-me com Gary antes de entrarmos na tenda do espelho.

— Vou precisar de sua ajuda com esta sessão — falei.

— Claro. O que quer que eu faça?

— Precisamos obter alguns verbos, e o modo mais fácil é com formas na terceira pessoa. Você representaria alguns verbos enquanto eu digito a forma escrita no computador? Se tivermos sorte, os heptápodes vão descobrir o que estamos fazendo e farão o mesmo. Trouxe vários objetos para você usar.

— Sem problema — respondeu Gary, estalando os dedos. — Estou pronto

quando você estiver.

Começamos com alguns verbos intransitivos: andar, pular, falar, escrever. Gary demonstrou cada um deles com uma falta de vergonha encantadora; a presença das câmeras não o inibiu nem um pouco. Durante as primeiras ações que ele desempenhou, perguntei aos heptápodes:

— Como vocês chamam isso?

Em pouco tempo, os heptápodes entenderam o que estávamos tentando fazer. Framboesa começou a imitar Gary, ou pelo menos a desempenhar a ação heptápode equivalente, enquanto Melindrosa trabalhava em seu computador, exibindo uma descrição escrita e a pronunciando em voz alta.

Nos espectrógrafos de suas expressões faladas, pude reconhecer a palavra que eu registrara como “heptápode”. O resto de cada expressão era supostamente a locução verbal; parecia que eles tinham analogias com substantivos e verbos, graças a Deus.

Na escrita deles, entretanto, as coisas não eram tão simples assim. Para cada ação, eles exibiram um logograma em vez de dois diferentes. No início, achei que eles tinham escrito algo como “anda” com o sujeito oculto. Mas por que Melindrosa diria “o heptápode anda” enquanto escrevia “anda”, em vez de manter o paralelismo? Então percebi que alguns dos logogramas se pareciam com o logograma para “heptápode”, com alguns traços extras acrescentados em um ou outro lado. Talvez seus verbos pudessem ser escritos como afixos de um substantivo. Se fosse assim, por que Melindrosa estava escrevendo o substantivo em alguns casos e em outros não?

Resolvi tentar um verbo transitivo; as palavras variantes usadas como objeto podiam esclarecer as coisas. Entre os itens que eu trouxera havia uma maçã verde e uma fatia de pão.

— Está bem — disse para Gary. — Mostre a eles a comida, depois coma um pouco. Primeiro a maçã, depois o pão.

Gary apontou para a maçã, do tipo Golden Delicious, e depois deu uma mordida, enquanto eu exibia a expressão “Como vocês chamam isso?”. Depois, repetimos o gesto com a fatia de pão integral.

Framboesa deixou a sala e voltou com uma espécie de noz ou cabaça gigante e uma forma elipsoide gelatinosa. Framboesa apontou para a cabaça enquanto Melindrosa dizia uma palavra e exibia um logograma. Aí Framboesa colocou a cabaça entre as pernas, resultando em um som de trituração, e a cabaça reemergiu com uma marca de mordida; havia caroços semelhantes a milho sob a casca. Melindrosa falou e exibiu um grande logograma na tela. O espectrógrafo de som para “cabaça” mudava quando era usado em uma frase; possivelmente, um marcador de caso gramatical. O logograma era estranho: depois de estudar um pouco, pude identificar elementos gráficos que se assemelhavam aos logogramas individuais de “heptápode” e “cabaça”. Eles

pareciam ter sido fundidos, com várias marcas extras na combinação que supostamente significava “comer”. Seria uma ligadura de várias palavras?

Em seguida, obtive os nomes falado e escrito para o ovo gelatinoso e descrições do ato de comê-lo. O espectrógrafo de som para “heptápode come ovo gelatinoso” era analisável; “ovo gelatinoso” tinha um marcador de caso gramatical, como eu esperava, embora a ordem das palavras na frase fosse diferente da vez anterior. A forma escrita, outro logograma grande, era mais complicada. Dessa vez levei muito mais tempo para reconhecer qualquer coisa nela; não só os logogramas individuais estavam fundidos outra vez como parecia que o de “heptápode” estava deitado, enquanto em cima dele o logograma para “ovo gelatinoso” estava de cabeça para baixo.

— Opa.

Dei outra olhada na escrita para os exemplos de substantivo-verbo, os que haviam parecido inconsistentes antes. Então percebi que todos eles, na verdade, continham o logograma para “heptápode”; alguns estavam em outras posições e distorcidos em sua combinação com os vários verbos, por isso eu não os reconheceria no início.

— Vocês só podem estar brincando — murmurei.

— Qual o problema? — perguntou Gary.

— A escrita deles não é dividida por palavras; uma frase é escrita juntando os logogramas dos diferentes termos. Eles juntam os logogramas girando-os e os modificando. Dê uma olhada.

Mostrei a Gary como os logogramas eram girados.

— De modo que eles conseguem ler uma palavra com a mesma facilidade, não importa quanto ela tenha sido girada — disse Gary. Ele se virou para olhar para os heptápodes, impressionado. — Eu me pergunto se isso é consequência da simetria radial de seus corpos: os corpos não têm a direção “para a frente”, portanto talvez sua escrita também não tenha. Deveras bacana.

Eu não conseguia acreditar: estava trabalhando com alguém que alterava a palavra “bacana” com “deveras”.

— Sem dúvida é interessante — falei. — Mas também significa que não há um modo fácil de escrevermos nossas próprias frases na língua deles. Não podemos simplesmente recortar as frases em palavras individuais e recombiná-las. Vamos precisar aprender as regras de sua escrita antes de conseguirmos escrever qualquer coisa legível. É o mesmo problema de continuidade que teríamos recortando e colando fragmentos de fala, só que aplicado à escrita.

Olhei através do espelho para Melindrosa e Framboesa, que estavam esperando que continuássemos, e dei um suspiro.

— Vocês não vão facilitar a situação para a gente, vão?

Para ser justa, os heptápodes eram bastante cooperativos. Nos dias que se seguiram, eles nos ensinaram prontamente sua língua sem exigir que nós ensinássemos mais inglês a eles. O coronel Weber e sua tropa avaliaram as implicações disso, enquanto eu e os linguistas nos outros espelhos nos reuníamos por meio de videoconferência para compartilhar o que havíamos aprendido sobre a língua dos heptápodes. As videoconferências criavam um ambiente de trabalho incongruente: nossas telas de vídeo eram primitivas em comparação aos espelhos dos heptápodes, assim meus colegas pareciam mais distantes que os alienígenas. O familiar estava longe, enquanto o bizarro estava ao alcance das mãos.

Demoraria um pouco até que estivéssemos prontos para perguntar aos heptápodes por que eles tinham vindo, ou discutir física bem o bastante para perguntar a eles sobre sua tecnologia. Até aquele momento, trabalhávamos com o básico: fonema/grafema, vocabulário, sintaxe. Os heptápodes estavam usando a mesma língua em todos os espelhos, portanto conseguíamos reunir nossas informações e coordenar esforços.

Nossa maior fonte de confusão era a “escrita” dos heptápodes. Ela nem sequer se parecia com uma escrita; parecia mais um monte de desenhos intrincados. Os logogramas não se alinhavam em fileiras, espirais nem qualquer forma linear. Em vez disso, Melindrosa e Framboesa escreviam uma frase juntando tantos logogramas quantos fossem necessários em um conglomerado gigantesco.

Essa forma de escrita era remanescente de sistemas de sinais primitivos, o que exigia que o leitor conhecesse o contexto da mensagem para entendê-la. Tais sistemas eram considerados limitados demais para registro sistemático de informação. Ainda assim, era improvável que os heptápodes tivessem desenvolvido seu nível de tecnologia apenas com uma tradição oral. Isso implicava uma dentre três possibilidades: a primeira era que eles tivessem um verdadeiro sistema de escrita, mas não quisessem utilizá-lo diante de nós — o coronel Weber ia se identificar com essa. A segunda era que os heptápodes não tivessem originado a tecnologia que estavam usando; eram analfabetos que usavam a tecnologia de alguém. A terceira, e mais interessante para mim, era que os alienígenas estavam usando um sistema de ortografia não linear que de fato se qualificava como escrita.

* * *

Lembro-me de uma conversa que teremos quando você estiver no penúltimo ano do ensino médio. Vai ser domingo de manhã, e vou estar preparando ovos mexidos enquanto você bota a mesa para o brunch. Você vai rir enquanto me conta sobre a festa a que foi na noite anterior.

— Cara — você vai dizer —, eles não estão brincando quando dizem que nosso peso faz diferença. Eu não bebi mais que os garotos, mas fiquei *muito mais*

bêbada.

Vou tentar manter uma expressão neutra e agradável. Vou tentar, mesmo. Então você vai dizer:

— Ah, por favor, mãe.

— O quê?

— Você sabe que fazia as mesmas coisas quando tinha a minha idade.

Não fiz nenhuma dessas coisas, mas sei que, caso eu admita isso, você perderá completamente o respeito por mim.

— Você sabe que nunca deve dirigir nem entrar em um carro se...

— Meu Deus, claro que sei disso. Você acha que sou idiota?

— Não, é claro que não.

O que vou pensar, nítida e irritantemente, é que você não sou eu. Isso vai me lembrar, outra vez, de que você não vai ser um clone meu; você pode ser maravilhosa, incrível, mas não vai ser alguém que eu poderia ter criado sozinha.

* * *

Na área de operações local do espelho, os militares haviam montado um trailer que abrigava nossos escritórios. Vi Gary caminhando na direção do trailer e corri para alcançá-lo.

— É um sistema de escrita semasiográfico — falei quando o alcancei.

— O quê? — disse Gary.

— Veja só, deixe eu lhe mostrar.

Levei Gary ao meu escritório. Depois de entrarmos, fui até o quadro-negro e desenhei um círculo dividido por uma linha diagonal.

— O que isso significa?

— Proibido?

— Certo. — Em seguida, escrevi a palavra PROIBIDO no quadro-negro. — E isto também. Mas apenas uma é a representação da fala.

Gary moveu a cabeça afirmativamente.

— Certo.

— Os linguistas descrevem uma escrita assim — indiquei as palavras escritas — como “glotográfica”, porque ela representa a fala. Toda língua humana escrita está nessa categoria. Entretanto, este símbolo — aponte para o círculo e a linha diagonal — é escrita “semasiográfica”, porque transmite significado sem referência com a fala. Não há correspondência entre seus componentes e nenhum som em particular.

— E você acha que toda a escrita dos heptápodes é desse jeito?

— Pelo que vi até agora, sim. Não é uma escrita pictográfica, é muito mais complexa. Ela tem o próprio sistema de regras para construir frases, como uma sintaxe visual sem relação com a sintaxe de sua língua falada.

— Uma sintaxe visual? Você pode me mostrar um exemplo?

— Espere um instante. — Sentei-me à minha mesa e, usando o computador, separei um quadro das gravações da conversa com Framboesa na véspera e virei o monitor para que ele pudesse vê-lo. — Em sua língua falada, um substantivo tem um marcador de caso gramatical que o identifica como sujeito ou objeto. Na língua escrita, porém, um substantivo é identificado como sujeito ou objeto com base na orientação de seu logograma em relação à do verbo. Aqui, dê uma olhada. — Apontei para uma das figuras. — Por exemplo, quando “heptápode” está integrada com “ouve” dessa maneira, com esses traços paralelos, significa que o heptápode está ouvindo. Mostrei a ele um diferente. — Quando eles são combinados dessa maneira, com os traços perpendiculares, significa que o heptápode está sendo ouvido. Essa morfologia se aplica a vários verbos.

Selecionei outro quadro da gravação.

— Outro exemplo é o sistema de inflexão. Na linguagem escrita, esse logograma significa, grosso modo, “ouvir com facilidade” ou “ouvir com clareza”. Está vendo os elementos que ele tem em comum com o logograma de “ouvir”? Você ainda pode combiná-lo com “heptápode” dos mesmos modos que antes, para indicar que o heptápode pode ouvir algo claramente ou que o heptápode é ouvido com clareza. No entanto, o que é de fato interessante é que a modulação de “ouvir” em “ouvir com clareza” não é um caso especial; consegue ver a transformação que eles aplicaram?

Gary assentiu, apontando.

— É como se eles explicassem a ideia de “com clareza” mudando as curvas desses traços na parte do meio.

— Isso. A modulação é aplicável a vários verbos. O logograma de “ver” pode ser modulado da mesma maneira para formar “ver com clareza”, assim como os logogramas de “ler” e outros. E mudar a curva desses traços não tem paralelo na fala; nas versões faladas desses termos, eles acrescentam um prefixo ao verbo para expressar a informalidade, e os prefixos para “ver” e “ouvir” são diferentes. Há outros exemplos, mas você entendeu a ideia. É essencialmente uma gramática em duas dimensões.

Ele começou a andar de um lado para outro, pensativo.

— Há alguma coisa como essa nos sistemas de escrita humanos?

— Equações matemáticas, anotações de música e dança. Mas isso é tudo muito especializado; não é possível utilizar tais sistemas para registrar esta conversa. Porém, desconfio que, se a conhecessemos bem o suficiente, poderíamos registrar a conversa no sistema de escrita heptápode. Acho que é uma língua gráfica completamente desenvolvida para todos os usos.

Gary franziu a testa.

— Então a escrita deles constitui uma língua completamente separada da fala, certo?

— Certo. Na verdade, seria mais preciso se referir ao sistema de escrita como

“heptápode B” e usar “heptápode A” estritamente para se referir à língua falada.

— Espere um segundo. Por que usar duas línguas quando uma seria suficiente? Isso parece desnecessariamente difícil de aprender.

— Como a ortografia do inglês? — perguntei. — A facilidade de aprendizado não é a força primária na evolução das línguas. Para heptápodes, a escrita e a fala podem ter papéis culturais ou cognitivos tão diferentes que faça mais sentido usar línguas separadas do que usar formas diferentes da mesma.

Ele pensou sobre isso.

— Entendo o que quer dizer. Talvez eles achem que nossa forma de escrita seja redundante, como se estivéssemos desperdiçando um segundo canal de comunicação.

— Isso é bastante possível. Descobrir por que eles usam uma segunda língua para escrever vai nos dizer muito sobre eles.

— Então entendo que isso significa que não vamos conseguir usar a escrita deles para nos ajudar a aprender a língua falada.

Dei um suspiro.

— É. Esta é a implicação mais imediata. Mas não acho que devíamos ignorar nem a heptápode A nem a heptápode B; precisamos de abordagens diferentes. — Aponte para a tela. — Aposto que aprender a gramática bidimensional deles vai ajudá-lo quando chegar a hora de aprender a notação matemática.

— Isso faz sentido. Então estamos prontos para perguntar sobre a matemática deles?

— Ainda não. Precisamos compreender melhor esse sistema de escrita antes de começarmos qualquer outra coisa — respondi, e sorri quando ele fingiu frustração. — Paciência, meu bom senhor. A paciência é uma virtude.

* * *

Você vai ter seis anos quando seu pai precisar ir a uma conferência no Havaí, e nós vamos acompanhá-lo. Você vai estar tão empolgada que vai fazer preparativos com semanas de antecedência. Vai me perguntar sobre cocos, vulcões e surfe, e vai praticar hula-hula diante do espelho. Vai arrumar uma mala com roupas e brinquedos que quer levar e vai arrastá-la pela casa para ver por quanto tempo consegue carregá-la. Vai me perguntar se eu posso levar seu Traço Mágico na minha mala, pois não vai haver mais espaço na sua, e você simplesmente não pode ir sem ele.

— Você não vai precisar disso tudo — direi. — Vai ter tantas coisas divertidas para fazer lá que não vai ter tempo de brincar com tantos brinquedos.

Você vai pensar sobre o assunto: reentrâncias vão surgir acima de suas sobranceiras enquanto pondera. Por fim, você vai concordar em levar menos brinquedos, mas suas expectativas vão, ainda assim, aumentar.

— Eu quero estar no Havaí agora — você vai choramingar.

— Às vezes é bom esperar — direi. — A expectativa torna as coisas mais divertidas quando você chegar lá.

Você vai fazer um biquinho.

* * *

No relatório seguinte que apresentei, sugeri que o termo “logograma” era equivocado, porque implicava que cada imagem representava uma palavra escrita, quando, na verdade, os grafismos não correspondiam de jeito nenhum à nossa noção de palavras escritas. Eu também não queria usar o termo “ideograma”, devido ao modo como tinha sido usado no passado; sugeri, em vez disso, o termo “semagrama”.

Grosso modo, um semagrama correspondia a uma palavra escrita nas línguas humanas; tinha significado próprio e, em combinação com outros semagramas, podia formar infinitas frases. Não era uma definição precisa, mas, afinal, ninguém tinha definido satisfatoriamente a palavra “palavra” para línguas humanas. Quando se tratava de frases em heptápode B, porém, a situação se tornava muito mais confusa. A língua não tinha pontuação escrita: sua sintaxe era indicada pela forma como os semagramas se combinavam, e não havia necessidade de indicar a cadência da fala. Sem dúvida não havia maneira de separar organizadamente pares de sujeito-predicado para criar frases. Uma “frase” parecia ser qualquer número de semagramas que um heptápode quisesse juntar; a única diferença entre uma frase, um parágrafo ou uma página era o tamanho.

Quando uma frase em heptápode B se expandia a um tamanho razoável, o impacto visual era impressionante. Se eu não estivesse tentando decifrá-la, a escrita pareceria um fantástico louva-a-deus desenhado em estilo cursivo, agarrando-se a si próprio e formando uma trama de Escher, cada um levemente diferente em sua posição. E as maiores frases tinham um efeito similar ao de cartazes psicodélicos: às vezes faziam nossos olhos lacrimejarem, ou até nos hipnotizavam.

* * *

Lembro-me de uma foto tirada em sua formatura na faculdade. Na imagem, você está posando para a câmera, barrete inclinado na cabeça com estilo, uma das mãos tocando os óculos escuros, a outra no quadril, segurando a beca aberta para revelar a camiseteta e o short que está usando por baixo.

Lembro-me de sua formatura. Haverá a distração de ter a presença de Nelson, seu pai e aquela mulherzinha, todos ao mesmo tempo, mas isso não vai ser relevante. Por todo o fim de semana, enquanto você estiver me apresentando a seus colegas de turma e abraçando todo mundo sem parar, vou ficar

praticamente muda de surpresa. Não posso acreditar que você, uma mulher crescida mais alta que eu e bonita o suficiente para acelerar meu coração, será a mesma menina que eu costumava levantar do chão para que pudesse alcançar o bebedouro, a mesma menina que costumava sair andando do meu quarto enrolada em um vestido, chapéu e quatro echarpes tiradas do meu closet.

E depois da formatura, você seguirá para um emprego de analista financeira. Não vou entender o que você faz lá. Não vou entender nem mesmo seu fascínio por dinheiro, a importância que você dará ao salário ao negociar ofertas de trabalho. Eu preferiria que você seguisse algo sem dar importância a recompensas financeiras, mas não vou reclamar. Minha mãe nunca conseguiu entender por que eu não podia ser apenas uma professora de inglês no ensino médio. Você fará o que a deixará feliz, e isso é tudo o que eu vou pedir.

* * *

Com o passar do tempo, as equipes de cada espelho começaram a trabalhar com afinho para aprender terminologia heptápode para matemática e física básicas. Trabalhamos juntos em apresentações, com os linguistas se concentrando em procedimentos e os físicos se concentrando nos temas. Os físicos nos mostraram sistemas desenvolvidos anteriormente para se comunicar com alienígenas, com base em matemática, cujo propósito era serem usados por um radiotelescópio. Nós os retrabalhamos para comunicação face a face.

Nossas equipes tiveram sucesso com a aritmética básica, mas chegamos a uma barreira com a geometria e a álgebra. Tentamos usar um sistema esférico de coordenadas em vez de um retangular, achando que pudesse ser mais natural para os heptápodes levando em consideração sua anatomia, mas essa abordagem não foi mais frutífera. Os heptápodes não pareciam entender o que estávamos sugerindo.

Da mesma forma, as discussões com os físicos não tiveram bons resultados. Apenas com termos mais concretos, como os nomes dos elementos, tivemos algum sucesso; depois de várias tentativas de representar a tabela periódica, os heptápodes entenderam a ideia. Para qualquer coisa remotamente abstrata, daria no mesmo se estivéssemos gaguejando. Tentamos demonstrar atributos básicos de física como massa e aceleração para conseguirmos obter seus termos equivalentes, mas os alienígenas simplesmente respondiam com pedidos de esclarecimento. Para evitar problemas de percepção que pudessem ser associados a qualquer meio em particular, tentamos tanto demonstrações físicas quanto desenhos, fotos e animações, mas nada foi eficaz. Dias sem progresso se transformaram em semanas, e os físicos estavam ficando desiludidos.

Em comparação, os linguistas estavam tendo muito mais sucesso. Nós fazíamos progresso constante na decodificação da gramática da língua falada, heptápode A. Ela não seguia o padrão das línguas humanas, como esperado, mas

até agora era compreensível: ordem livre de palavras, mesmo a ponto de não haver ordem preferencial para as orações em um enunciado condicional, a despeito de uma língua humana “universal”. Também parecia que os heptápodes não tinham objeção a muitos níveis de autoincorporação de orações, algo que rapidamente vencia os humanos. Peculiar, mas não incompreensível.

Eram muito mais interessantes os processos morfológicos e gramaticais recém-descobertos em heptápode B, que eram singularmente bidimensionais. Dependendo da declinação de um semagrama, inflexões podiam ser indicadas pela variação na curvatura de determinado traço, sua espessura ou a forma de suas ondulações, ou variando-se os tamanhos relativos de dois radicais, ou sua distância relativa a outro radical, ou suas orientações, ou vários outros meios. Esses eram grafemas não segmentais; eles não podiam ser isolados do restante de um semagrama. E apesar da forma como essas características se comportavam na escrita humana, nada tinham a ver com estilo caligráfico; seus significados eram definidos de acordo com uma gramática consistente e sem ambiguidades.

Costumávamos perguntar com regularidade aos heptápodes por que eles tinham vindo. Toda vez eles respondiam: “Para ver” ou “Para observar”. Na verdade, às vezes eles preferiam nos observar em silêncio em vez de responder às nossas perguntas. Talvez fossem cientistas, talvez fossem turistas. O Departamento de Estado nos instruiu a revelar o mínimo possível sobre a humanidade, caso a informação pudesse ser usada como moeda de troca em negociações futuras. Nós cedemos, embora isso não exigisse muito esforço: os heptápodes nunca faziam perguntas sobre nada. Fossem cientistas ou turistas, eles eram um grupo com pouquíssima curiosidade.

* * *

Lembro-me de uma vez que iremos de carro até o shopping para comprar roupas novas para você. Você vai ter treze anos. Estará esparramada no assento, completamente relaxada e sem se preocupar com nada, uma criança; de uma hora para outra, você vai jogar o cabelo com uma naturalidade estudada, como uma modelo em treinamento.

Vai me dar instruções enquanto eu estiver estacionando o carro.

— Está bem, mãe, me dê um de seus cartões de crédito, e podemos nos encontrar de volta aqui na entrada em duas horas.

Vou rir.

— Sem chance. Todos os cartões de crédito ficam comigo.

— Você está de brincadeira, né?

Você vai se tornar a personificação da irritação. Sairemos do carro e vou caminhar rumo à entrada do shopping. Depois de ver que não vou ceder, você rapidamente vai reformular os planos.

— Está bem, mãe, está bem. Você pode vir comigo, só caminhe um pouco atrás de mim, para não parecer que estamos juntas. Se alguma amiga minha aparecer, vou parar e conversar com ela, mas pode continuar andando, combinado? Eu encontro você depois.

Eu vou parar no ato.

— Como é? Eu não sou sua empregada, nem uma parente mutante para você sentir vergonha.

— Mas, mãe, não posso deixar ninguém ver você comigo.

— Do que está falando? Já conheci suas amigas; elas foram lá em casa.

— Foi diferente — responderá você, sem acreditar que precisa explicar. — Aqui é o shopping.

— Que pena.

Aí vem a explosão.

— Você não faz nada para me deixar feliz! Você não se importa nem um pouco comigo!

Aquele tempo em que você gostava de fazer compras com sua mãe não estava tão distante assim; sempre vou me espantar com a velocidade com que você cresce e passa de uma fase a outra. Viver com você vai ser como mirar em um alvo em movimento; você sempre vai estar além das minhas expectativas.

* * *

Olhei para a frase em heptápode B que eu acabara de escrever usando apenas lápis e papel. Como todas as frases que eu mesma gerei, essa parecia desfigurada, como uma frase escrita em heptápode esmagada por um martelo e depois colada de volta sem muita habilidade. Eu tinha várias folhas desses semagramas deselegantes cobrindo minha mesa, adejando às vezes conforme o ventilador giratório se movia.

Era estranho tentar aprender uma língua que não tinha forma falada. Em vez de praticar minha pronúncia, eu passara a semicerrar os olhos e a tentar pintar semagramas em minha mente.

Houve uma batida na porta e, antes que eu pudesse atender, Gary entrou, parecendo radiante.

— Illinois conseguiu uma repetição em física.

— É mesmo? Isso é ótimo. Quando aconteceu?

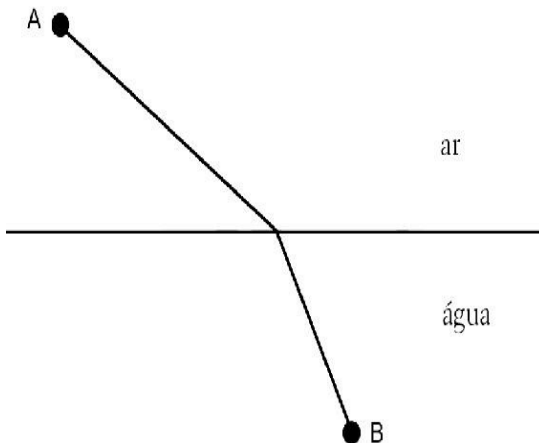
— Há algumas horas; acabamos de fazer uma videoconferência. Deixe-me mostrar a você o que é.

Ele começou a apagar meu quadro-negro.

— Não se preocupe, eu não ia precisar de nada disso.

— Que bom.

Ele pegou um pedaço de giz e desenhou um diagrama.



— Está bem, este é o caminho que o raio de luz percorre quando atravessa do ar para a água. O raio de luz se propaga em linha reta até atingir a água; a água tem um índice de refração diferente, por isso a luz muda de direção. Você já ouviu falar nisso antes, não é?

Assenti.

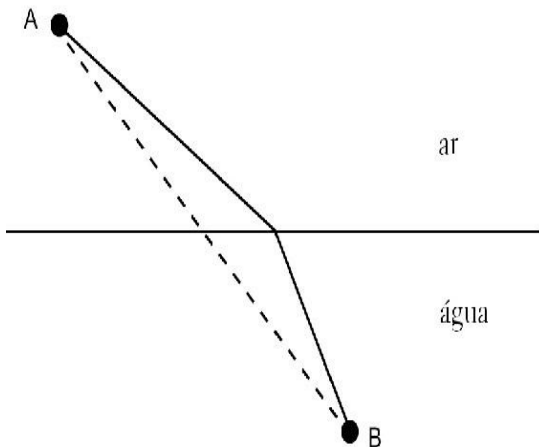
— Claro.

— Agora, aqui está uma propriedade interessante sobre o caminho que a luz percorre. O caminho é a rota mais rápida possível entre esses dois pontos.

— Não entendi.

— Imagine, só por diversão, se o raio de luz viajasse por esse caminho.

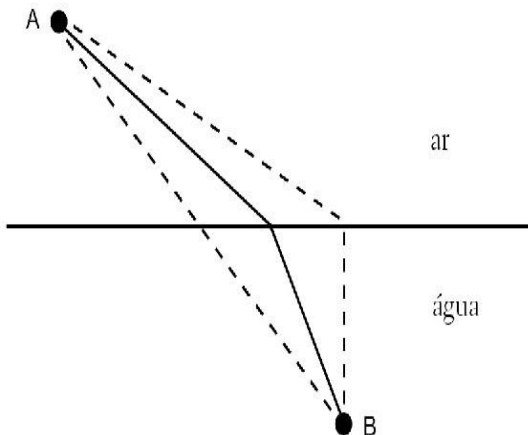
Ele acrescentou uma linha pontilhada ao diagrama.



— Esse caminho hipotético é mais curto que o caminho que a luz realmente percorre. Contudo, a luz se propaga mais devagar na água do que no ar, e uma percentagem maior desse caminho é realizada embaixo d'água. Então a luz levaria mais tempo para percorrer esse caminho do que pelo percurso verdadeiro.

— Está bem, entendi.

— Agora imagine se a luz viajasse por este outro caminho.
Ele desenhou uma segunda trajetória pontilhada.



— Esse caminho reduz o percentual sob a água, mas o comprimento total é maior. Também demoraria mais para a luz se propagar por este caminho do que pela trajetória verdadeira. — Gary largou o giz e gesticulou na direção do diagrama no quadro-negro, as pontas dos dedos sujas de pó branco. — Qualquer caminho hipotético exigiria mais tempo do que o tomado na realidade. Em outras palavras, a rota feita pela luz é sempre a mais rápida possível. Esse é o princípio de Fermat, o do menor tempo possível.

— Hum, interessante. E então foi a isso que os heptápodes responderam?

— Exatamente. Moorehead apresentou uma animação do princípio de Fermat através do espelho de Illinois, e os heptápodes a repetiram de volta. Agora ele está tentando obter uma descrição simbólica. — Gary sorriu. — Isso é de veras bacana ou não, hein?

— É bem bacana mesmo, mas como eu nunca tinha ouvido falar no princípio de Fermat antes? — Acenei para ele um fichário que eu acabara de pegar; era um manual sobre temas de física sugeridos para uso na comunicação com os heptápodes. — Isso fala sem parar de massa de Planck e da mudança de rotação do hidrogênio atômico, mas não tem uma palavra sobre a refração da luz.

— Nossas considerações estavam erradas quanto ao que achamos útil vocês

saberem — respondeu Gary, sem nenhum constrangimento. — Na verdade, é curioso que o princípio de Fermat tenha sido a primeira descoberta; embora seja fácil de explicar, é necessário usar cálculo para descrevê-lo matematicamente. E não cálculo comum, mas o cálculo de variações. Achávamos que algum teorema simples de geometria ou álgebra seria o divisor de águas.

— É curioso mesmo. Você acha que a ideia dos heptápodes de simplicidade é diferente da nossa?

— Exatamente, é por isso que estou *morrendo* de ansiedade para ver como se apresenta a descrição matemática deles do princípio de Fermat. — Ele andava de um lado para outro enquanto falava. — Se sua versão do cálculo de variações for mais simples para eles do que seu equivalente da álgebra, isso pode explicar por que tivemos tanto problema para falar sobre física; todo o sistema matemático deles pode ser completamente diferente do nosso.

Ele apontou para o manual de física.

— Pode ter certeza de que vamos revisar isso — continuou.

— Então vocês podem partir do princípio de Fermat para outras áreas da física?

— É bem provável. Há muitos princípios físicos iguais ao de Fermat.

— Quais? Como o princípio de Louise sobre o menor espaço no armário? Quando a física ficou tão minimalista?

— Bem, a palavra “menor” é enganadora. Sabe, o princípio de Fermat do menor tempo é incompleto; em certas situações, a luz segue uma trajetória que leva *mais* tempo do que a de qualquer uma das outras possibilidades. É mais preciso dizer que a luz sempre segue um caminho *extremo*, ou um que minimize o tempo levado, ou um que o maximize. Um mínimo e um máximo compartilham de certas propriedades matemáticas, então as duas situações podem ser descritas com uma equação. Assim, para ser mais exato, o princípio de Fermat não é um princípio minimalista; em vez disso, é o que se conhece como princípio “variacional”.

— E há mais desses princípios variacionais?

Ele assentiu.

— Em todos os ramos da física. Quase toda lei da física pode ser reescrita como um princípio variacional. A única diferença entre esses princípios está em qual atributo é minimizado ou maximizado. — Ele gesticulou como se os diferentes ramos da física estivessem dispostos à sua frente em uma mesa. — Na ótica, onde o princípio de Fermat se aplica, o tempo é o atributo que precisa ser extremo. Na mecânica, é um atributo diferente. No eletromagnetismo, é outra coisa. Porém, todos esses princípios são parecidos matematicamente.

— Então depois que obtiver a descrição matemática deles referente ao princípio de Fermat, você deve conseguir decodificar os outros.

— Meu Deus, espero que sim. Acho que é a descoberta pela qual estávamos

procurando, a que vai decifrar as fórmulas de física. Isso pede uma comemoração. — Ele parou de andar e se virou para mim. — Ei, Louise, quer sair para jantar? Estou convidando.

Fiquei um pouco surpresa.

— Claro — respondi.

* * *

Quando você aprender a andar, terei demonstrações diárias da assimetria em nosso relacionamento. Você vai estar correndo sem parar de algum lugar para outro, e cada vez que se chocar com o batente de uma porta ou ralar o joelho, a dor vai parecer ser em mim. Vai ser como criar um membro errante, uma extensão minha cujos nervos sensoriais transmitem muito bem a dor, mas cujos nervos motores não reproduzem meus comandos. Não é justo: vou dar à luz uma vívida boneca de vodu de mim mesma. Não vi isso no contrato quando assinei. Fazia parte do acordo?

Então, haverá momentos em que a verei sorrindo. Como a vez que você vai estar brincando com o cachorrinho do vizinho, enfiando as mãos através da cerca de arame que separa nosso quintal dos fundos do dele, e vai rir tanto que começará a soluçar. O cachorrinho vai correr para dentro da casa do vizinho, e seu riso aos poucos vai se aquietar, deixando que você recupere o fôlego. Aí o filhote vai voltar para a cerca para lamber seus dedos outra vez, e você vai dar um gritinho e começar a rir de novo. Vai ser o som mais maravilhoso que eu jamais poderia imaginar, um som que me faz sentir como uma fonte ou uma nascente.

Como eu queria agora apenas me lembrar desse som na próxima vez que sua indiferença negligente por autopreservação me der um ataque cardíaco.

* * *

Depois da descoberta com o princípio de Fermat, discussões sobre conceitos científicos se tornaram mais frutíferas. Não era como se toda a física dos heptápodes de repente tivesse se tornado clara, mas o progresso era constante. Segundo Gary, as fórmulas de física dos alienígenas eram na verdade completamente diferentes das nossas. Os atributos da física que os humanos definiram utilizando-se de cálculo integral eram vistos como fundamentais pelos heptápodes. Como exemplo, Gary descreveu um atributo que, no jargão da física, tinha o nome enganadoramente simples de “ação”, que representava “a diferença entre a energia cinética e a potencial, integrada no tempo”, fosse lá o que isso significasse. Cálculo para nós; algo elementar para eles.

Por outro lado, para definir atributos que humanos consideravam fundamentais, como velocidade, os heptápodes empregavam matemática que

era, segundo Gary, “deveras esquisita”. Os físicos no fim conseguiram comprovar a equivalência da matemática dos heptápodes com a matemática dos humanos; embora as abordagens fossem quase o contrário uma da outra, as duas eram sistemas para descrever o mesmo universo físico.

Tentei acompanhar algumas das equações que os físicos estavam descobrindo, mas não adiantou. Eu, na verdade, não conseguia captar o significado de atributos da física como “ação”; não conseguia, com nenhuma confiança, refletir sobre o significado de tratar tal atributo como fundamental. Ainda assim, tentei refletir sobre questões formuladas em termos mais familiares: que tipo de visão de mundo tinham os heptápodes para considerar o princípio de Fermat a explicação mais simples da refração da luz? Que tipo de percepção tornava um mínimo e um máximo imediatamente óbvios para eles?

* * *

Seus olhos vão ser azuis como os de seu pai, não castanhos cor de lama como os meus. Os garotos vão olhar fixamente no interior desses olhos do modo como eu fazia, e faço, com os olhos de seu pai, sentindo-me surpresa e encantada, como eu era e sou, para encontrá-los combinando com os cabelos negros. Você vai ter muitos pretendentes.

Eu me lembro de quando você tiver quinze anos e estiver chegando em casa depois de um fim de semana na casa de seu pai, incrédula pelo interrogatório ao qual ele a submeterá em relação ao garoto com quem estará saindo nessa época. Você vai se esparramar no sofá e recontar a última violação do bom senso de seu pai:

— Sabe o que ele disse? Ele disse: “Eu sei como são os garotos adolescentes.”
— Um revirar de olhos. — Como se eu não soubesse.

— Não o julgue por isso — direi. — Ele é pai, não consegue evitar.

Depois de vê-la interagir com seus amigos, não vou me preocupar muito com um rapaz se aproveitando de você; talvez seja mais provável que aconteça o contrário. É isso que vai me preocupar.

— Ele queria que eu ainda fosse criança. Não sabe como agir comigo desde que meus peitos cresceram.

— Bem, esse desenvolvimento foi um choque para ele. Dê tempo para ele se recuperar.

— Isso faz *anos*, mãe. Quanto tempo vai demorar?

— Informo você quando meu pai começar a aceitar os meus.

* * *

Durante uma das videoconferências para os linguistas, Cisneros, do espelho de Massachusetts, levantou uma questão interessante: havia uma ordem em

particular na qual os semagramas eram escritos em uma frase em heptápode B? Estava claro que a ordem das palavras não significava praticamente nada quando se falava em heptápode A; quando pedido para repetir o que eu acabara de dizer, um heptápode teria igual probabilidade de usar ou não a mesma ordem de palavras, a menos que pedíssemos a eles especificamente que não fizessem isso. A ordem das palavras era igualmente sem importância quando se escrevia em heptápode B?

Anteriormente, tínhamos concentrado nossa atenção apenas em como se parecia uma frase completa em heptápode B. Pelo que se podia concluir, não havia ordem preferencial ao ler os semagramas em uma frase. Você podia começar praticamente em qualquer lugar do emaranhado e, em seguida, seguir as orações ramificadas até ter lido tudo. Mas isso era ler; acontecia a mesma coisa ao escrever?

Durante minha sessão mais recente com Melindrosa e Framboesa, tinha perguntado a eles se, em vez de exibir um semagrama completo, eles poderiam nos mostrar enquanto o faziam. Eles concordaram. Inseri a fita de vídeo da sessão no videocassete e consultei em meu computador a transcrição da sessão.

Escolhi um dos trechos mais longos de conversa. Melindrosa dissera que o planeta dos heptápodes tinha duas luas, uma significativamente maior que a outra; os três principais constituintes da atmosfera eram nitrogênio, argônio e oxigênio; e quinze vinte e oito avos da superfície do planeta eram cobertos de água. As primeiras palavras do trecho falado traduziam-se literalmente por “desigualdade-de-tamanho rocha-orbital rochas-orbitais vínculo-relacional-primária-para-secundária”.

Então, rebobinei a fita de vídeo até que a marca de tempo batesse com a da transcrição. Comecei a reproduzir a fita e assisti à teia de semagramas ser tecida em seda negra de aranha. Eu rebobinei e reproduzi a fita várias vezes. Finalmente congelei o vídeo logo depois do primeiro traço ser completado, e antes do início do segundo; tudo o que era visível na tela era uma única linha sinuosa.

Comparando aquele traço inicial e a frase completa, percebi que o traço participava de várias orações diferentes da mensagem. Ele começava no semagrama de “oxigênio”, como o determinante que o distinguia de outros elementos; depois, descia para se tornar o morfema de comparação na descrição do tamanho das duas luas; e, por fim, se destacava como a estrutura em arco do semagrama de “oceano”. Ainda assim, esse traço era uma única linha contínua, e foi a primeira que Melindrosa escreveu. Isso significava que o heptápode tinha que saber como toda a frase seria disposta antes de poder escrever o primeiríssimo traço.

Os outros traços na frase também atravessavam várias orações, tornando-as tão interconectadas que nenhuma podia ser removida sem redesenhar

completamente toda a frase. Os heptápodes não escreviam uma frase ou um semagrama por vez; eles os construíam de traços independentes dos semagramas individuais. Eu já tinha visto um nível parecido de integração antes, em desenhos caligráficos, em especial aqueles que empregavam o alfabeto árabe. Contudo, aqueles desenhos tinham exigido planejamento cuidadoso de calígrafos experientes. Ninguém podia fazer um desenho daqueles na velocidade necessária para manter uma conversa. Pelo menos nenhum humano podia.

* * *

Há uma piada que certa vez ouvi uma comediante contar. É assim:

— Não tenho certeza se estou pronta para ter filhos. Perguntei a uma amiga minha que é mãe: “Imagine que eu resolva ter filhos. E se eles crescerem e me culparem por tudo o que há de errado na vida deles?” Ela riu e disse: “O que você quer dizer com ‘se’?”

Essa é minha piada favorita.

* * *

Gary e eu estávamos em um pequeno restaurante chinês, um dos locais que começamos a frequentar para sair do acampamento. Estávamos sentados comendo os aperitivos: guiozas com aroma de porco e óleo de gergelim. Meus favoritos.

Mergulhei um em shoyu com vinagre.

— Então, como está indo seu estudo de heptápode B? — perguntei a ele.

Gary olhou de soslaio para o teto. Tentei olhá-lo nos olhos, mas ele não parava de movê-los.

— Você desistiu, não foi? — questionei. — Nem está mais tentando.

Ele reagiu com uma maravilhosa expressão servil.

— Eu simplesmente não sou bom com línguas — confessou. — Achei que aprender heptápode B pudesse ser mais como aprender matemática do que tentar falar outra língua, mas não é. É estrangeiro demais para mim.

— Ajudaria você a discutir física com eles.

— Provavelmente, mas desde que fizemos nossa descoberta, consigo me virar com apenas algumas expressões.

Dei um suspiro.

— Imagino que esteja certo. Preciso admitir que desisti de tentar aprender matemática.

— Então estamos quites?

— Quites. — Tomei um gole de meu chá. — Mas eu queria lhe perguntar sobre o princípio de Fermat. Algo sobre ele me parece estranho, não consigo saber exatamente o quê. Simplesmente não me parece uma lei da física.

Um brilho surgiu nos olhos de Gary.

— Aposto que sei do que está falando. — Ele partiu um guioza ao meio com os hashis. — Você está acostumada a pensar na refração em termos de causa e efeito: chegar à superfície da água é a causa, e a mudança de direção, o efeito. O princípio de Fermat parece estranho porque ele descreve o comportamento da luz em termos orientados para um objetivo. Parece um mandamento para um raio de luz: “Minimizarás ou maximizarás o tempo levado para chegar ao teu destino.”

Pensei um pouco.

— Continue.

— É uma velha questão na filosofia da física. As pessoas falam sobre isso desde que Fermat o formulou pela primeira vez nos anos 1600; Planck escreveu volumes sobre o assunto. A situação é que, enquanto a formulação das leis de física é causal, um princípio variacional como o de Fermat é dotado de propósito, quase teológico.

— Hum, é um modo interessante de explicar. Deixe-me refletir sobre isso por um minuto. — Peguei uma caneta e desenhei em meu guardanapo uma cópia do diagrama que Gary desenhara no quadro-negro. Pensando em voz alta, continuei: — Está bem. Então vamos dizer que o objetivo de um raio de luz é pegar a trajetória mais rápida; como a luz resolve fazer isso?

— Bom, se eu posso falar de forma antropomórfica e projecional, a luz precisa examinar os caminhos possíveis e calcular quanto tempo cada um levaria.

Gary pegou o último guioza da travessa.

— E, para fazer isso, o raio de luz precisa saber exatamente qual é seu destino. Se o destino fosse outro, o caminho mais rápido seria diferente — continuei.

Gary assentiu.

— Isso mesmo. A noção de uma “trajetória mais rápida” não significa nada a menos que haja um destino específico. E calcular quanto tempo determinado trajeto leva também exige informação sobre o que há ao longo desse caminho, sobre onde fica a superfície da água.

Parei de olhar para o diagrama no guardanapo.

— E o raio de luz precisa saber tudo isso de antemão, antes de começar a se mover, certo? — perguntei.

— Digamos assim: a luz não pode começar a viajar em uma direção qualquer e fazer correções de percurso posteriormente, porque o caminho resultante desse comportamento não seria o mais rápido possível. A luz precisa fazer todos os cálculos logo no início — respondeu Gary.

Pensei comigo mesma: *o raio de luz precisa saber onde vai parar antes de poder escolher a direção em que vai começar a se mover*. Eu sabia o que isso me lembrava. Olhei para Gary.

— É isso que estava me incomodando.

* * *

Lembro-me de quando você terá quatorze anos. Você vai sair de seu quarto com um laptop na mão, coberto de pichações, e estará fazendo um trabalho para a escola.

— Mãe, como se diz quando os dois lados podem vencer?

Vou erguer os olhos do computador e do artigo que estarei escrevendo.

— Como assim? Você quer dizer uma situação em que os dois lados ganham?

— Tem um nome técnico para isso, uma palavra matemática. Lembra a vez que papai estava aqui, e ele estava falando sobre o mercado de ações? Ele usou esse termo.

— Hum, acho que lembro, mas não consigo me lembrar de como ele chamou isso.

— Preciso saber. Quero usar essa expressão no trabalho de estudos sociais. Não consigo nem fazer pesquisa sobre ela a menos que descubra o nome.

— Desculpe, também não sei. Por que não liga para o seu pai?

A julgar por sua expressão, é mais esforço do que você gostaria de fazer. A essa altura, você e seu pai não vão estar se dando bem.

— Você poderia ligar para o papai e perguntar? Mas não diga que é para mim.

— Acho que você mesma pode ligar para ele.

Você vai ficar furiosa.

— Meu Deus, mãe, eu nunca consigo ajuda com meu dever de casa desde que você e papai se separaram.

É impressionante a diversidade de situações nas quais você pode citar o divórcio.

— Eu ajudei você com o dever de casa.

— Tipo há um milhão de anos, mãe.

Vou deixar que isso passe.

— Eu ajudaria com esse se pudesse, mas não me lembro da expressão.

Você vai voltar para seu quarto bufando.

* * *

Eu praticava heptápode B em toda oportunidade, tanto com os outros linguistas quanto por conta própria. A novidade de ler uma língua semasiográfica a tornava atraente de um jeito que o heptápode A não era, e meus progressos em sua escrita me empolgavam. Com o tempo, as frases que eu escrevia melhoraram em aparência, ficaram mais coesas. Havia chegado ao ponto em que funcionava melhor quando eu não pensava muito naquilo. Em vez de tentar projetar com muito cuidado uma frase antes de escrevê-la, eu podia simplesmente começar a

fazer traços imediatamente; meus traços iniciais quase sempre se revelavam compatíveis com o que eu estava tentando dizer. Comecei a desenvolver uma aptidão como a dos heptápodes.

Mais interessante era o fato de o heptápode B estar mudando meu modo de pensar. Para mim, pensar significava tipicamente falar em uma voz interna; como dizemos no meio, meus pensamentos eram fonologicamente codificados. Minha voz interna normalmente falava em inglês, mas isso não era uma exigência. No verão depois de meu último ano no ensino médio, frequentei um curso de total imersão para aprender russo; ao final do verão, eu pensava e até sonhava no idioma. Mas era sempre russo *falado*. Com uma língua diferente, o modo era o mesmo: uma voz falando silenciosamente em alto e bom som.

A ideia de pensar em um modo linguístico que não fosse fonológico sempre me intrigou. Tinha um amigo cujos pais eram surdos; ele cresceu usando a Linguagem Americana de Sinais, ASL, e me disse que costumava pensar em ASL em vez de inglês. Eu costumava pensar em como seria ter os pensamentos de uma pessoa codificados manualmente, raciocinar usando um par interior de mãos em vez de uma voz interior.

Com o heptápode B eu estava vivenciando algo igualmente estranho: meus pensamentos começavam a se codificar de forma gráfica. Havia momentos durante o dia semelhantes a um transe, quando meus pensamentos não eram expressos com minha voz interna; em vez disso, semagramas se formavam em minha mente, espalhando-se como geada no vidro de uma janela.

À medida que fiquei mais fluente, os desenhos semagráficos apareciam completamente formados, articulando ideias complexas, todas ao mesmo tempo. No entanto, meus processos de pensamento não estavam se acelerando por causa disso. Em vez de correr para a frente, minha mente se equilibrava na simetria essencial implícita aos semagramas. Os semagramas pareciam ser algo mais que linguagem; eram quase como mandalas. Eu me vi em um estado meditativo, contemplando a forma como premissas e conclusões eram intercambiáveis. Não havia direção inerente no modo como as proposições eram conectadas, nenhum “fluxo de pensamento” seguindo por uma rota particular; todos os componentes em um ato de raciocínio eram igualmente poderosos, todos com precedência idêntica.

* * *

Um representante do Departamento de Estado chamado Hossner tinha o trabalho de informar os cientistas americanos sobre nossa agenda com os heptápodes. Nós sentávamos na sala de videoconferência e o ouvíamos falar. Nosso microfone estava desligado, então Gary e eu podíamos trocar comentários sem interromper Hossner. Enquanto ouvíamos, preocupei-me que Gary pudesse desenvolver um problema de visão por revirar tantas vezes os olhos.

— Eles devem ter tido alguma razão para vir até aqui — disse o diplomata, sua voz aguda soando pelos alto-falantes. — Não parece que a razão era alguma conquista, graças a Deus. Mas se essa não é a razão, qual é? Eles são exploradores? Antropólogos? Missionários? Quaisquer que sejam os motivos, deve haver algo que possamos oferecer a eles. Talvez sejam direitos de mineração em nosso Sistema Solar. Talvez seja informação sobre nós. Talvez seja o direito de dar sermões a nossas populações. Mas podemos ter certeza de que há alguma coisa.

“O que quero dizer é o seguinte: o motivo pode não ser comercial, mas isso não significa que nós não possamos estabelecer comércio. Simplesmente precisamos saber por que eles estão aqui, e o que temos a oferecer que possa lhes interessar. Depois que tivermos essa informação, podemos dar início a negociações comerciais.

“Preciso destacar que nossa relação com os heptápodes não precisa ser de antagonismo. Esta não é uma situação em que um ganho da parte deles seja uma perda nossa ou vice-versa. Se nos comportarmos corretamente, tanto nós quanto os heptápodes podemos sair vencedores.

— Você quer dizer que é um jogo de soma diferente de zero? — disse Gary, com incredulidade fingida. — Minha nossa.

* * *

— Um jogo de soma diferente de zero.

— O quê? — Você vai parar a caminho do quarto e voltar, na minha direção.

— Quando os dois lados podem ganhar. Acabei de me lembrar: chama-se um jogo de soma diferente de zero.

— É isso! — você dirá, anotando em seu laptop. — Obrigada, mãe!

— Acho que eu sabia a expressão no fim das contas — direi. — Depois de todos esses anos com seu pai, alguma coisa deve ter ficado.

— Eu sabia que você ia se lembrar — você dirá. Você vai me dar um abraço repentino e breve, e seu cabelo terá cheiro de maçãs. — Você é a melhor.

* * *

— Louise?

— Hã? Desculpe, estava distraída. O que você disse?

— Eu perguntei: o que você acha do sr. Hossner aqui?

— Prefiro não responder.

— Eu tentei fazer isto: ignorar o governo, ver se ele ia embora. Não foi.

Como prova da afirmação de Gary, Hossner continuou a falar bobagem:

— Sua tarefa imediata é repensar o que aprenderam. Procurem qualquer coisa que possa nos ajudar. Houve alguma indicação do que os heptápodes

querem? Do que eles valorizam?

— Nossa, nunca nos ocorreu procurar algo assim — falei. — Vamos fazer isso imediatamente, senhor.

— Triste saber que é exatamente isso que precisamos fazer — comentou Gary.

— Alguma pergunta? — questionou Hossner.

Burghart, o linguista no espelho de Fort Worth, se manifestou:

— Nós já passamos por isso com os heptápodes várias vezes. Eles afirmam estar aqui para observar, e insistem que informação não é negociável.

— É no que eles querem que nós acreditemos — rebateu Hossner. — Mas pensem só: como isso pode ser verdade? Sei que os heptápodes, às vezes, pararam de falar conosco por breves períodos. Isso pode ser uma manobra tática da parte deles. Se nós parássemos de falar com os heptápodes amanhã...

— Acorde-me se ele falar algo interessante — disse Gary.

— Eu ia pedir para você fazer o mesmo comigo.

* * *

Naquele dia em que Gary explicou pela primeira vez o princípio de Fermat para mim, ele tinha mencionado que quase toda lei da física podia ser expressa como um princípio variacional. Ainda assim, quando os humanos pensavam sobre as leis da física, eles preferiam trabalhar com elas em sua formulação causal. Eu podia entender isso: os atributos físicos que os humanos consideravam intuitivos, como energia cinética ou aceleração, eram todos propriedades de um objeto em determinado momento do tempo. E todas levavam a uma interpretação cronológica causal dos eventos: um momento nascido de outro, causas e efeitos criando uma reação em cadeia que avançava do passado para o futuro.

Em contrapartida, os atributos físicos que os heptápodes consideravam intuitivos, como “ação” ou aquelas outras coisas definidas por integrais, tinham significado apenas por um período de tempo. E levavam a uma interpretação teleológica dos acontecimentos: vendo os eventos ao longo de um período de tempo, reconhecia-se que havia uma exigência que devia ser satisfeita, um objetivo de minimizar ou maximizar. E era necessário saber os estados inicial e final para alcançar esse objetivo; era conhecer os efeitos antes do início das causas.

Eu estava começando a entender isso também.

* * *

— Por quê? — você tornará a perguntar aos três anos.

— Porque é hora de você ir para a cama — repetirei.

Vamos ter conseguido lhe dar um banho e botar o pijama, mas nada além

disso.

— Mas eu não estou com sono — você vai choramingar.

Você estará parada junto da estante de livros, pegando um vídeo para assistir: sua última tática diversionista para ficar longe do quarto.

— Não importa: mesmo assim, tem que ir para a cama.

— Mas por quê?

— Porque eu sou sua mãe e estou dizendo.

Eu vou mesmo dizer isso, não vou? Meu Deus, alguém, por favor, me mate.

Vou pegar você no colo e carregá-la embaixo do braço até sua cama; você vai estar gemendo de dar pena, mas minha única preocupação será minha própria aflição. Todos esses juramentos, feitos quando nova, de que eu daria respostas razoáveis quando me tornasse mãe, que trataria meu próprio filho como um indivíduo inteligente e pensante, tudo em vão: vou me transformar na minha mãe. Posso lutar contra isso quanto quiser, mas não haverá como deter minha queda por essa ladeira longa e assustadora.

* * *

Seria realmente possível conhecer o futuro? Não apenas adivinhá-lo; seria possível *saber* o que ia acontecer com certeza absoluta e com detalhes específicos? Gary certa vez me disse que as leis fundamentais da física tinham simetria no tempo, que não havia diferença física entre o passado e o futuro. Considerando isso, alguns podem dizer “sim, teoricamente”. No entanto, falando de forma mais concreta, a maioria responderia “não”, devido ao livre-arbítrio.

Eu gostava de imaginar a objeção como uma formulação de Borges: considere uma pessoa sentada diante do *Livro das Eras*, uma cronologia que registra todos os eventos, do passado e do futuro. Embora o texto tenha sido fotorreduzido da edição em tamanho natural, o volume é enorme. Com uma lente de aumento na mão, ela folheia as páginas finíssimas até localizar a história da sua vida. Folheando o *Livro das Eras*, ela encontra a passagem que a descreve folheando o livro; e ela passa para a coluna seguinte, em que está detalhado o que ela vai fazer mais tarde naquele dia: agindo a partir da informação que leu no *Livro*, ela vai apostar cem dólares no cavalo de corrida Devil May Care e ganhar vinte vezes essa quantia.

A ideia de fazer isso tinha passado por sua cabeça, mas, só para ser do contra, ela agora decide evitar completamente apostar em cavalos.

Aí está o problema. O *Livro das Eras* não pode estar errado; esta situação tem base na premissa de que uma pessoa recebe o conhecimento do futuro verdadeiro, não de um futuro possível. Se fosse um mito grego, as circunstâncias conspirariam para fazê-la cumprir seu destino apesar de todos os seus esforços, mas profecias em mitos são notoriamente vagas; o *Livro das Eras* é bem específico, e não há como a pessoa ser forçada a apostar em um cavalo de

corrida da forma especificada. O resultado é uma contradição: o *Livro das Eras* deve estar certo, por definição; ainda assim, não importa o que o *Livro* diga que ela vá fazer: ela pode escolher outra coisa. Como esses dois fatos podem se reconciliar?

Não podem, era a resposta mais comum. Uma obra como o *Livro das Eras* é uma impossibilidade lógica, pela exata razão de que sua existência resultaria na contradição acima. Ou, para ser generoso, alguns podem dizer que o *Livro das Eras* poderia existir, desde que não fosse acessível aos leitores: um volume é abrigado em uma coleção especial, e ninguém tem o privilégio de vê-lo.

A existência do livre-arbítrio vai resultar em nossa incapacidade de ver o futuro. E sabíamos da existência do livre-arbítrio porque tínhamos experiência direta com ele. A vontade era parte intrínseca da consciência.

Era mesmo? E se a experiência de conhecer o futuro mudasse uma pessoa? E se evocasse um sentido de urgência, um sentido de obrigação de agir do modo que sabia que agiria?

* * *

Passei no escritório de Gary antes de ir embora do trabalho.

— Para mim, chega por hoje. Quer comer alguma coisa?

— Claro, espere só um segundo — respondeu ele.

Gary desligou o computador e juntou alguns papéis. Em seguida, me encarou.

— Ei, quer vir jantar na minha casa hoje? Eu posso cozinhar.

Olhei desconfiada para ele.

— Você sabe cozinhar?

— Só um prato — admitiu. — Mas é bom.

— Claro — concordei. — Estou dentro.

— Ótimo. Só temos que comprar os ingredientes.

— Não precisa, se for difícil...

— Tem um mercado no caminho da minha casa. Não vai levar nem um minuto.

Fomos em carros separados, eu o seguindo. Quase o perdi de vista quando ele virou abruptamente em um estacionamento. Era um mercado de produtos gourmet, não muito grande, mas elegante; potes altos de vidro com comidas importadas ao lado de utensílios especializados nas prateleiras de aço inoxidável da loja.

Acompanhei Gary enquanto ele pegava manjericão fresco, tomates, alho, linguini.

— Tem um mercado de peixes aqui ao lado. Podemos comprar mariscos frescos lá — disse ele.

— Parece ótimo.

Passamos pela seção de utensílios de cozinha. Meu olhar seguiu pelas

prateleiras repletas de moedores de pimenta, espremedores de alho, pegadores de salada, e pousou em uma saladeira de madeira.

Quando você tiver três anos, vai puxar uma toalha da bancada da cozinha e derrubar aquela saladeira bem em cima de você. Vou tentar pegá-la, mas não vou conseguir. A borda da saladeira vai deixar um corte na parte superior de sua testa que vai exigir um único ponto. Seu pai e eu vamos segurá-la, chorando e soluçando, banhada em molho Caesar, enquanto esperamos por horas em um pronto-socorro.

Estendi a mão e peguei a saladeira da estante. O movimento não pareceu algo que fui forçada a fazer. Em vez disso, parecia apenas tão impulsivo quanto o movimento de pegar a saladeira enquanto ela caía em você: um instinto cuja execução me parecia a coisa certa a fazer.

— Posso dar um bom uso a uma saladeira como essa.

Gary olhou para a saladeira e assentiu.

— Viu como foi bom parar no mercado?

— Foi, sim.

Entramos na fila para pagar nossas compras.

* * *

Considere a frase: “O coelho está pronto para comer.” Se interpretar “coelho” como objeto de “comer”, a frase é um anúncio de que o jantar vai ser servido em breve. Se interpretar “coelho” como sujeito de “comer”, ela é uma sugestão, uma menina poderia dizer isso à mãe para poder abrir um saco de ração de coelho. Duas expressões bem diferentes; na verdade, seriam mutuamente excludentes em um mesmo domicílio. Ainda assim, são interpretações válidas; só o contexto poderia determinar o que a frase significava.

Considere o fenômeno de a luz atingir a água em determinado ângulo e atravessá-la em um ângulo diferente. Se explicasse isso dizendo que uma diferença no índice de refração fazia a luz mudar de direção, você via o mundo com os humanos. Se explicasse isso dizendo que a luz minimizava o tempo necessário para viajar até seu destino, você via o mundo da mesma forma que os heptápodes. Duas interpretações muito diferentes.

O universo físico era uma língua com uma gramática perfeitamente ambígua. Todo fenômeno físico era uma expressão que podia ser analisada de duas maneiras completamente diferentes, uma causal e a outra teleológica, ambas válidas, nenhuma delas desqualificada, não importava a quantidade de contexto disponível.

Quando os ancestrais de humanos e heptápodes adquiriram a centelha de consciência, os dois perceberam o mesmo mundo físico, mas analisaram suas percepções de maneira diferente: as visões de mundo que depois surgiram foram o resultado final daquela divergência. Humanos haviam desenvolvido um modo

sequencial de consciência, enquanto os heptápodes tinham desenvolvido um modo simultâneo de consciência. Nós vivenciamos os acontecimentos em uma ordem e percebemos sua relação como causa e efeito. Os heptápodes vivenciavam todos os acontecimentos ao mesmo tempo, e percebiam um propósito essencial a todos eles. Um propósito minimizador, maximizador.

* * *

Tenho um sonho recorrente sobre sua morte. No sonho, sou eu quem está escalando a pedra — eu, pode imaginar? —, e você tem três anos, está sendo carregada por mim em um tipo de mochila. Estamos a menos de um metro de uma proeminência onde podemos descansar, e você não aguenta esperar até chegarmos ao alto dela. Você começa a sair da mochila. Mando você parar, mas claro que você me ignora. Sinto seu peso se alternar de um lado da mochila para o outro enquanto você sai dela; então sinto seu pé esquerdo em meu ombro, depois o direito. Estou gritando com você, mas não consigo liberar uma das mãos para segurá-la. Posso ver o padrão ondulado das solas de seus tênis enquanto você sobe, e então vejo uma lasca de pedra se desfazer sob um deles. Você desliza e passa por mim, e não consigo mover um músculo sequer. Olho para baixo e vejo você encolher à medida que se distancia de mim.

Então, de repente, estou no necrotério. Um auxiliar de enfermagem ergue o lençol de seu rosto, e vejo que você tem vinte e cinco anos.

— Você está bem?

Eu estava sentada na cama; tinha acordado Gary com meus movimentos.

— Estou bem. Só levei um susto. Por um instante, não reconheci onde estava. Sonolento, ele disse:

— Podemos ficar na sua casa na próxima vez.

Eu o beijei.

— Não se preocupe. Está tudo certo com a sua casa.

Nós nos enroscamos, eu com as costas junto ao peito dele, e voltamos a dormir.

* * *

Quando você tiver três anos e estivermos subindo uma escada íngreme em caracol, vou segurar sua mão bem forte. Você vai desvencilhar sua mão da minha.

— Sei subir sozinha — você vai insistir, e então se afastará de mim para provar isso, e eu vou me lembrar daquele sonho.

Vamos repetir aquela cena incontáveis vezes durante sua infância. Quase posso acreditar que, considerando sua natureza teimosa, minhas tentativas de protegê-la vão ser o que vai criar seu amor por escaladas: primeiro, nos brinquedos do

parquinho, depois árvores no cinturão verde em torno de nosso bairro, as paredes de pedra no clube de escalada e, por fim, faces de penhascos em parques nacionais.

* * *

Terminei o último radical da frase, larguei o giz e sentei à minha mesa. Recostei-me e examinei a frase gigante em heptápode B que eu escrevera e que cobria todo o quadro-negro de minha sala. Ela incluía várias orações complexas, e eu tinha conseguido integrar todas de forma satisfatória.

Olhando para uma frase como aquela, eu entendi por que os heptápodes tinham desenvolvido um sistema de escrita semasiográfico como o heptápode B: ele era mais apropriado para espécies com um modo simultâneo de consciência. Para eles, a fala era um gargalo porque exigia que uma palavra se seguisse à outra em sequência. Com a escrita, por outro lado, cada marca na página era visível simultaneamente. Por que restringir a escrita com uma camisa de força glotográfica, exigindo que fosse apenas sequencial como a fala? Isso nunca ocorreria a eles. A escrita semasiográfica tirava naturalmente vantagem da bidimensionalidade da página; em vez de uma distribuição reduzida de morfemas, um de cada vez, ela oferecia uma página inteira repleta deles de uma vez só.

E agora que o heptápode B tinha me apresentado a um modo simultâneo de consciência, eu entendia o raciocínio por trás da gramática do heptápode A: o que minha mente sequencial percebera como desnecessariamente complicado, eu via agora como uma tentativa de fornecer flexibilidade nos confins da fala sequencial. Como resultado, eu conseguia usar o heptápode A com mais facilidade, embora ainda fosse um substituto pouco satisfatório do heptápode B.

Houve uma batida na porta; em seguida, Gary enfiou a cabeça pelo vão.

— O coronel Weber vai estar aqui a qualquer instante.

Fiz uma expressão de desagrado.

— Certo.

Weber ia participar de uma sessão com Melindrosa e Framboesa. Eu devia atuar como tradutora, um trabalho para o qual não era treinada e que detestava.

Gary entrou e fechou a porta. Ele me puxou de minha cadeira e me beijou.

Sorri.

— Está tentando me animar antes que ele chegue aqui?

— Não, eu estou tentando *me* animar.

— Você não estava nem um pouco interessado em falar com os heptápodes, estava? Trabalhou nesse projeto só para me levar para a cama.

— Ah, você me conhece direitinho.

Eu encarei seu olhar.

— É melhor você acreditar nisso — falei.

* * *

Lembro-me de quando você terá um mês de idade, e vou sair zonzinha da cama para sua mamada das duas da madrugada. Seu quarto terá aquele “cheiro de bebê”, pomada contra assadura e talco, com um leve toque de amônia vindo do cesto de fraldas no canto. Vou debruçar sobre seu berço, tirá-la dele com você aos berros e me sentar na cadeira de balanço para amamentá-la.

A palavra “infância” deriva da palavra em latim para “incapaz de falar”, mas você vai ser perfeitamente capaz de dizer uma coisa: “Eu sofro”, e vai fazer isso incansavelmente e sem hesitação. Tenho que admirar seu compromisso absoluto com essa frase; quando chorar, você vai se tornar o ultraje encarnado, cada parte de seu corpo empenhada em expressar aquela emoção. É engraçado: quando você estiver tranquila, vai parecer irradiar luz, e se alguém pintasse um quadro seu desse jeito, eu insistiria que a pessoa incluísse o halo. No entanto, quando estiver infeliz, você se transformará em uma buzina, feita para irradiar som; um retrato seu, então, podia ser simplesmente um alarme de incêndio.

Nesse estágio de sua vida, não vai haver passado nem futuro para você; até que eu lhe dê meu peito, você não vai ter memória de satisfação no passado nem expectativa de alívio no futuro. Depois que começar a mamar, tudo vai se reverter, e tudo estará certo com o mundo. O AGORA é o único momento que você vai perceber; vai viver no tempo presente. De muitas maneiras, é um estado invejável.

* * *

Os heptápodes não são livres nem aprisionados, não da forma como entendemos esses conceitos; eles não agem de acordo com sua vontade, nem são autômatos impotentes. O que distingue o modo de consciência dos heptápodes não é apenas a coincidência de suas ações com os eventos da história; seus motivos também coincidem com os propósitos da história. Eles agem para criar o futuro, para executar a cronologia.

A liberdade não é uma ilusão; ela é perfeitamente real no contexto da consciência sequencial. No contexto da consciência simultânea, a liberdade não é relevante, tampouco a coerção; é simplesmente um contexto diferente, nem mais nem menos válido que o outro. É como a famosa ilusão de ótica do desenho de uma moça elegante, com o rosto virado para longe do observador, e ao mesmo tempo uma bruxa com verruga no nariz, o queixo encostado no peito. Não há interpretação “correta”; as duas são igualmente válidas. Mas você não consegue ver as duas ao mesmo tempo.

Do mesmo modo, o conhecimento do futuro era incompatível com o livre-arbítrio. O que possibilitava que eu exercesse minha liberdade de escolha

também impossibilitava que eu soubesse sobre o amanhã. De modo inverso, agora que conheço o futuro, jamais agiria contra ele; incluindo contar aos outros o que sei: os que conhecem o futuro não falam sobre ele. Os que leram o *Livro das Eras* nunca admitem.

* * *

Liguei o videocassete e enfiei uma fita de uma sessão do espelho de Fort Worth. Um diplomata negociador estava ali tendo uma discussão com os heptápodes, Burghart como tradutor.

O negociador estava descrevendo as crenças morais humanas, tentando estabelecer as bases para o conceito de altruísmo. Eu sabia que os heptápodes estavam familiarizados com o resultado final da conversa, mas ainda participavam com entusiasmo.

Se eu pudesse ter descrito isso para uma pessoa que ainda não conhecesse a situação, ela podia perguntar: se os heptápodes já sabem tudo o que vão dizer ou ouvir, qual é o sentido até mesmo de usar linguagem? Uma questão coerente. Mas a linguagem não era apenas para comunicação: ela também era uma forma de ação. Segundo a teoria dos atos de fala, afirmações como “Você está preso”, “Eu batizo este barco” ou “Eu prometo” eram todas performativas: uma pessoa pode desempenhar a ação apenas pronunciando as palavras. Para tais atos, saber o que seria dito não mudava nada. Todo mundo em um casamento antecipa as palavras “E eu vos declaro marido e mulher”, mas até que o celebrante as diga, a cerimônia não conta. Com linguagem performativa, dizer era o mesmo que fazer.

Para os heptápodes, toda linguagem era performativa. Em vez de usar linguagem para informar, eles a usavam para atualizar. Claro, heptápodes já sabiam o que ia ser dito em qualquer conversa, mas, para que seu conhecimento fosse verdade, a conversa precisaria ocorrer.

* * *

— Primeiro, Cachinhos Dourados provou a tigela de mingau do Papai Urso, mas ela estava cheia de couve-de-bruxelas, que ela odiava.

Você vai rir.

— Não, isso está errado!

Estaremos sentadas lado a lado no sofá, o livro fino, de capa dura e caro aberto em nossos colos.

Vou continuar lendo.

— Aí, Cachinhos Dourados provou a tigela de mingau da Mamãe Urso, mas ela estava cheia de espinafre, que ela também detestava.

Você vai pôr a mão na página do livro para me deter.

— Você precisa ler do jeito certo!
— Estou lendo exatamente o que diz aqui — direi, com toda a inocência.
— Não está, não. Não é assim que é a história.
— Bem, se você já sabe como é a história, por que precisa que eu a leia para você?
— Porque eu quero escutar!

* * *

O ar-condicionado no escritório de Weber quase compensava a obrigação de conversar com ele.

— Eles estão dispostos a se envolver em alguma espécie de troca — expliquei.
— Mas não é comércio. Nós simplesmente damos alguma coisa a eles, e eles nos dão algo em retorno. Nenhuma das partes diz de antemão o que vai dar à outra.

A testa do coronel Weber se franziu um pouco.

— Você quer dizer que eles estão dispostos a trocar presentes?

Eu sabia o que precisava dizer.

— Não devíamos pensar nisso como uma “troca de presentes”. Não sabemos se esta transação tem as mesmas associações para os heptápodes que a troca de presentes tem para nós.

— Nós podemos... — ele procurou pelas palavras certas — ...dar dicas sobre o tipo de presente que queremos?

— Eles não fazem isso nesse tipo de transação. Perguntei se podíamos fazer um pedido e eles disseram que sim, mas isso não garante que vão nos dizer o que iriam nos dar.

De repente, lembrei que um primo morfológico de “performativo” era “performance”, que poderia descrever a sensação de conversar quando você sabia o que ia ser dito: era como uma performance em uma peça.

— Mas isso faria com que eles ficassem mais propensos a nos dar o que pedimos? — questionou o coronel Weber.

Ele estava completamente alheio ao roteiro, e ainda assim suas respostas encaixavam exatamente com as falas que lhe eram destinadas.

— Não há como saber — respondi. — Duvido, considerando que não é um costume deles.

— Se dermos nosso presente primeiro, o valor de nosso presente vai influenciar o valor do deles?

Ele estava improvisando, enquanto eu tinha ensaiado cuidadosamente para aquela única apresentação específica.

— Não — respondi. — Até onde sabemos, o valor dos itens trocados é irrelevante.

— Se meus parentes pensassem assim... — murmurou Gary com ironia.

Vi o coronel Weber se virar para Gary.

— Você descobriu alguma coisa nova nas discussões de física? — perguntou Weber, bem na deixa.

— A respeito de alguma informação nova para a humanidade, não — disse Gary. — Os heptápodes não variaram sua rotina. Se demonstramos algo, eles nos mostram sua formulação dela, mas não oferecem nada, nem respondem nossas perguntas sobre o que sabem.

Uma expressão espontânea e comunicativa no contexto do discurso humano se transformava em um ritual de recitação quando vista à luz de heptápode B.

Weber franziu o cenho.

— Então tudo bem, vamos ver o que o Departamento de Estado acha disso. Talvez possamos providenciar uma espécie de cerimônia de troca de presentes.

Como eventos da física, com suas interpretações causais e teleológicas, todo evento linguístico tinha duas interpretações possíveis: como uma transmissão de informação e como a concretização de um plano.

— Acho que é uma boa ideia, coronel — falei.

Era uma ambiguidade invisível para a maioria. Uma piada interna. Não me peça para explicar.

* * *

Embora eu seja proficiente em heptápode B, sei que não experimento a realidade da mesma forma de um heptápode. Minha mente foi modelada na forma das linguagens sequenciais humanas, e nenhuma intensidade de imersão em uma língua alienígena pode reformulá-la completamente. Minha visão de mundo é um amálgama de humano e heptápode.

Antes de aprender a pensar em heptápode B, minhas memórias cresciam como as cinzas de um cigarro queimando, em coluna, descarnadas pela linha infinitesimal de combustão que era minha consciência, que marcava o presente sequencial. Depois que aprendi heptápode B, novas memórias se encaixaram como blocos gigantes, cada um medindo anos de duração, e embora não tenham chegado na ordem nem aterrissado contiguamente, logo formaram um período de cinco décadas. É o período no qual eu conheço a língua heptápode B bem o suficiente para pensar a partir dela, começando com minhas entrevistas com Melindrosa e Framboesa e terminando com minha morte.

Normalmente, o heptápode B afeta apenas minha memória: minha consciência segue rastejando como fazia antes, um estilhaço reluzente se arrastando adiante no tempo, a diferença residindo nessas cinzas de memória, que estão tanto à frente quanto atrás: não há uma combustão real. Contudo, às vezes, tenho vislumbres quando o heptápode B realmente predomina e vivencio passado e futuro ao mesmo tempo; minha consciência se transforma em uma brasa de meio século de duração queimando fora do tempo. Eu percebo, durante esses vislumbres, toda essa época como uma simultaneidade. É um período que

abrange o resto de minha vida, e a totalidade da sua.

* * *

Escrevi os semagramas para “processo criar-ponto-terminal incluindo-nós”, que significava “Vamos começar”. Framboesa respondeu afirmativamente, e a exibição de slides começou. A segunda tela de exibição que os heptápodes haviam fornecido começou a apresentar uma série de imagens compostas de semagramas e equações, enquanto um de nossos monitores de vídeo fazia o mesmo.

Essa foi a segunda “troca de presentes” em que estive presente, a oitava no total, e eu sabia que seria a última. A tenda do espelho estava repleta de gente; Burghart de Fort Worth estava ali, assim como Gary e um físico nuclear, diversos biólogos, antropólogos, militares de alta patente e diplomatas. Felizmente, eles puseram um aparelho de ar-condicionado para refrescar o local. Nós iríamos rever as fitas das imagens depois para descobrir exatamente o que era o “presente” dos heptápodes. Nosso próprio “presente” foi uma apresentação das pinturas na caverna de Lascaux.

Todos nos aglomeramos em torno da segunda tela dos heptápodes, tentando compreender o conteúdo das imagens enquanto passavam.

— Avaliações preliminares? — perguntou o coronel Weber.

— Não é uma repetição — disse Burghart.

Em uma troca anterior, os heptápodes tinham nos dado informações sobre nós mesmos que havíamos previamente contado a eles. Isso enfurecera o Departamento de Estado, mas não tínhamos razão para pensar nisso como um insulto: a situação provavelmente indicava que o valor da troca na verdade não tinha papel nesses intercâmbios. Isso não excluía a possibilidade de que os heptápodes ainda pudessem nos oferecer uma propulsão espacial, fusão a frio ou algum outro milagre para satisfazer nossos desejos.

— Isso parece química inorgânica — afirmou o físico nuclear, apontando para uma equação antes que a imagem fosse substituída.

Gary assentiu.

— Podia ser tecnologia de materiais — disse ele.

— Talvez estejamos finalmente chegando a algum lugar — concluiu o coronel Weber.

— Quero ver mais fotos de bichos — murmurei baixo para que apenas Gary pudesse me ouvir, e fiz biquinho como uma criança.

Ele sorriu e me cutucou. Na verdade, eu desejava que os heptápodes tivessem dado outra lição de xenobiologia, como tinham feito nas duas trocas anteriores; a julgar por essas, os humanos eram mais parecidos com os heptápodes do que qualquer outra espécie que eles já haviam encontrado. Talvez outra lição sobre história dos heptápodes; as primeiras foram cheias de conclusões aparentemente

sem conexão lógica com as premissas, mas ainda assim eram interessantes. Não queria que os heptápodes nos dessem nova tecnologia, porque não queria ver o que nossos governos poderiam fazer com ela.

Eu observava Framboesa enquanto a informação era trocada, à procura de qualquer comportamento anômalo. Eu estava de pé, praticamente imóvel, como sempre; não vi indicações do que em breve iria acontecer.

Depois de um minuto, a tela dos heptápodes se apagou, e um minuto depois disso, a nossa também. Gary e a maioria dos outros cientistas se aglomeraram em torno de uma pequena tela de vídeo que reprisava a apresentação dos heptápodes. Eu pude ouvi-los falar sobre a necessidade de chamar um físico de estado sólido.

O coronel Weber se virou.

— Vocês dois — disse ele, apontando para mim e depois para Burghart. — Marquem o horário e o local da próxima troca.

Depois seguiu com os outros até a tela de reprodução.

— É para já — respondi. Para Burghart, perguntei: — Você gostaria de fazer as honras ou eu faço?

Eu sabia que Burghart tinha alcançado uma proficiência em heptápode B parecida com a minha.

— É o seu espelho — disse ele. — É com você.

Tornei a me sentar ao computador de transmissão.

— Aposto que você nunca imaginou que ia acabar trabalhando como tradutor do Exército enquanto estava na pós-graduação.

— Claro que não — afirmou ele. — Mesmo agora mal posso acreditar nisso.

Tudo o que dizíamos um para o outro parecia com as conversas cuidadosamente inócuas de espões que se encontravam em público, mas nunca revelavam a identidade.

Escrevi os semagramas para “local troca-transação conversa incluindo-nós” com o aspecto de modulação projetiva.

Framboesa escreveu sua resposta. Foi minha deixa para franzir a testa e para Burghart perguntar:

— O que ele quer dizer com isso?

A pronúncia de Burghart foi perfeita.

Escrevi um pedido de esclarecimento. A resposta de Framboesa foi a mesma de antes. Então, eu o observei sair flutuando da sala. A cortina estava prestes a cair sobre aquele ato de nossa performance.

O coronel Weber se adiantou.

— O que está acontecendo? Aonde ele foi?

— Ele disse que agora os heptápodes vão embora — respondi. — Não apenas ele, mas todos.

— Chame-o de volta aqui agora mesmo. Pergunte a ele o que isso quer dizer.

— Hum, não acho que Framboesa esteja usando um pager — ironizei.

A imagem da sala através do espelho desapareceu tão abruptamente que levou um momento para meus olhos registrarem o que eu estava vendo no lugar: era o outro lado da tenda do espelho. O objeto tinha se tornado completamente transparente. A conversa em torno da tela de reprodução se silenciou.

— O que diabo está acontecendo? — questionou o coronel Weber.

Gary foi até o espelho, em seguida deu a volta até o outro lado. Tocou a face traseira com a mão; eu podia ver as formas ovais pálidas onde as pontas de seus dedos faziam contato com o espelho.

— Acho que acabamos de ver uma demonstração de transmutação a distância — disse ele.

Ouvi o som de passos pesados pela grama seca. Um soldado entrou pela porta da tenda, sem fôlego após correr, segurando um walkie-talkie extremamente grande.

— Coronel, mensagem de...

Weber pegou o walkie-talkie.

* * *

Eu me lembro de como vai ser ver você quando tiver um dia de idade. Seu pai terá saído para uma visita rápida à cantina do hospital, você vai estar deitada em seu berço de vime e estarei debruçada sobre você.

Logo depois do parto, ainda vou estar me sentindo como uma toalha torcida. Você vai parecer absurdamente pequena, considerando como eu me senti enorme durante a gravidez; eu podia jurar que haveria espaço para alguém muito maior e mais robusta que você lá dentro. Suas mãos e seus pés vão ser compridos e magros, ainda não gorduchos. Seu rosto ainda estará todo vermelho e enrugado, pálpebras inchadas, fechadas e apertadas, a fase de gnomo que precede o querubim.

Passo um dedo por sua barriga, maravilhada com a maciez impressionante de sua pele, perguntando-me se seda iria arranhar seu corpo como aniagem. Aí você vai se remexer, retorcer o corpo enquanto projeta as pernas, uma de cada vez, e vou reconhecer o gesto como o que senti você fazer dentro de mim, muitas vezes. Então é *assim*.

Vou me sentir exultante com essa prova de um laço único entre mãe e filha, essa certeza de que é você quem eu carreguei. Mesmo que jamais tenha posto os olhos em você antes, eu poderia identificá-la em um mar de bebês. Aquela não. Nem aquela outra. Espere, aquela ali.

Sim, é ela. Minha filha.

* * *

Aquela última “troca de presentes” foi a última vez que vimos os heptápodes. Ao mesmo tempo, por todo o mundo, seus espelhos ficaram transparentes e suas naves abandonaram a órbita. Análises posteriores dos espelhos visualizadores revelaram que eles não eram nada além de folhas de sílica fundida, completamente inativos. A informação da última sessão de troca descrevia uma nova classe de materiais supercondutores, mas depois se revelou que ela apenas repetia os resultados de uma pesquisa recém-finalizada no Japão: nada que os humanos já não soubessem.

Nós nunca descobrimos por que os heptápodes partiram, não mais do que soubemos o que os trouxe aqui, ou por que eles agiam como agiam. Minha nova forma de consciência não forneceu esse tipo de conhecimento; o comportamento dos heptápodes era supostamente explicável de um ponto de vista sequencial, mas nunca encontramos essa explicação.

Eu teria gostado de experimentar mais da visão de mundo deles, sentir o que eles sentiam. Aí, talvez, eu pudesse imergir completamente na necessidade dos eventos, como eles deviam fazer, em vez de apenas chapinhar em seu rasto pelo resto da vida. Mas isso nunca vai acontecer. Vou continuar a praticar as línguas heptápodes, assim como outros linguistas das equipes dos espelhos, mas nenhum de nós jamais vai avançar além do que fizemos quando os heptápodes estavam aqui.

Trabalhar com eles mudou minha vida. Conheci seu pai e aprendi heptápode B, duas coisas que possibilitaram que eu a conhecesse, agora, aqui no quintal ao luar. No fim, daqui a muitos anos, estarei sem seu pai e sem você. Tudo o que me vai restar deste momento é a língua heptápode. Por isso presto muita atenção, e anoto cada detalhe.

Desde o começo eu conheci meu destino, e escolhi meu caminho de acordo com isso. Mas estou trabalhando na direção de uma extrema alegria ou de uma extrema dor? Será que alcançarei um mínimo ou um máximo?

Essas perguntas estão em minha cabeça quando seu pai me pergunta:

— Você quer fazer um bebê?

E eu sorrio e respondo:

— Sim.

E solto os braços que me abraçam e nos damos as mãos enquanto entramos para fazer amor, para fazer você.